



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO**

**FRANCISCA FABÍOLA DE OLIVEIRA
MARIA ADRIELE RIBEIRO SALES**

**MADE IN BOM JARDIM:
A POTÊNCIA ARTÍSTICA E CULTURAL PRESENTE NO TERRITÓRIO DO
GRANDE BOM JARDIM**

**FORTALEZA
2025**

FRANCISCA FABÍOLA DE OLIVEIRA
MARIA ADRIELE RIBEIRO SALES

MADE IN BOM JARDIM:
A POTÊNCIA ARTÍSTICA E CULTURAL PRESENTE NO TERRITÓRIO DO GRANDE
BOM JARDIM

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Jornalismo do Instituto de Arte e
Cultura da Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profª. Dra. Kamila Bossato
Fernandes.

FORTALEZA
2025

FRANCISCA FABÍOLA DE OLIVEIRA
MARIA ADRIELE RIBEIRO SALES

MADE IN BOM JARDIM:
A POTÊNCIA ARTÍSTICA E CULTURAL PRESENTE NO TERRITÓRIO DO GRANDE
BOM JARDIM

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Jornalismo do Instituto de Arte e
Cultura da Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em 27/02/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Kamila Bossato Fernandes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Naiana Rodrigues da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Me. Marcos Levi Ferreira Nunes de Sousa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ao Grande Bom Jardim.

AGRADECIMENTOS

Eu acredito muito que tudo que acontece na nossa vida era para ser, tanto as coisas boas como as ruins, e por isso tento não guardar rancor das imprevisibilidades, e esperar para um dia ser grata. Iniciei minha trajetória na Universidade Federal do Ceará no meio de uma pandemia, em um dos momentos mais difíceis para todo mundo. E agora corta para eu me formando, com tantas memórias, momentos, aulas, conhecimentos, entrevistas, histórias, relatos, pessoas e lugares incríveis na minha trajetória, que fizeram eu ser a pessoa que sou hoje, que ainda bem que é uma Adrielle um pouquinho melhor. Eu só tenho a agradecer muito por ter acontecido do jeito que foi, apesar de todos os obstáculos e dificuldades.

Um desses lugares que o jornalismo me proporcionou conhecer foi o Grande Bom Jardim, que nem me era tão familiar, mas que tenho certeza de que, depois de 20 visitas para a produção deste produto, entre entrevistas, eventos e gravações, vai ser para sempre um lugar da cidade muito especial para mim. Eu agradeço muito por ter tido o privilégio de conhecer mais sobre esse território, que me mostrou que podemos ser fortes, potentes, resilientes e chegar onde a gente quiser, mesmo que muitos acreditem no contrário. Também sou grata a esse território por me fazer sentir ainda mais orgulho de morar em um bairro periférico, o meu querido Quintino Cunha, que vai ser sempre meu abrigo.

Quero agradecer aos protagonistas do Made in Bom Jardim, que foram as fontes mais fofas e incríveis do mundo. Muito obrigada, Gislandia, Josenildo, Marlene, Sara, Katiana, Gutemberg, Ivina, Kelly Enne, Edna, Manu e Marcos Levi. Vocês foram maravilhosos por compartilharem um pouco das suas histórias. Fico muito feliz de que existam trabalhos como a Bom Jardim Produções, Instituto Katiana Pena, Nós de Teatro e Centro Cultural Bom Jardim, que mostram que o mundo pode ser ainda muito melhor. Agradeço também ao Gabriel, que usou sua arte para ilustrar nossa vinheta e tornar essa produção ainda mais linda.

Não podia deixar de destacar e agradecer minha dupla de TCC, Fabíola Oliveira. O agradecimento não é apenas por ser minha parceira nessa loucura que foi fazer uma produção audiovisual como trabalho de conclusão de curso, mas também por toda a nossa jornada como estudantes de jornalismo, pois sou muito grata e orgulhosa de tudo. Muito

obrigada por nunca soltar minha mão nesses cinco anos, por abraçar minhas ideias malucas, por todo seu apoio, mas principalmente, por sua amizade. Você sempre será a maior diva de todas.

Estendo aqui todo esse amor e carinho para o nosso aclamado Ezequiel Vieira, que é a pessoa mais amável do mundo e foi a primeira pessoa que vi na UFC e sabia que queria andar com ele no recreio. Nós três juntos, realmente, fomos imbatíveis. Muito obrigada, minhas comadres, por estarem do meu lado nessa fase da minha vida e espero muito que tudo que a gente plantou nunca morra. Agradeço também os tantos outros encontros que a UFC me proporcionou, mas especialmente eu cito, Rogeslane, Lindemberg, Bernardo e Maria Fernanda. Muito obrigada por tornarem tudo mais leve, vocês são incríveis do jeitinho de vocês. Amo muito todos, apesar de nunca conseguirmos sair com nosso grupinho completo.

Agradeço também aos professores de jornalismo da UFC pelos conhecimentos repassados, em especial para nossa orientadora Kamila Bossato e para uma das integrantes da nossa banca examinadora, Naiana Rodrigues, que são duas jornalistas brilhantes e inspiradoras. Muito obrigada por tudo e por toparem fazer parte do encerramento do nosso ciclo na universidade.

Quero agradecer também pelos lugares onde estagiei durante a graduação, que tanto contribuíram na minha construção profissional. Muito obrigada pelas oportunidades Online Assessoria, Laboratório de Inclusão e jornal Opinião CE. Em especial, agradeço ao meu editor Dellano Rios pelos conselhos e ensinamentos, que se estenderam até para a realização do meu trabalho de conclusão de curso. Agradeço também pelas experiências nos projetos de extensão Liga Experimental e Gruppe, com destaque para minha líder favorita Raquel Lima.

Por último, mas nem um pouco menos importante, agradeço às pessoas que estão comigo desde antes da UFC e que sempre torceram por mim. Sou grata pelos meus pais, Antonia Ribeiro e Francisco Barbosa, que cada um, do seu jeito, tem todo o meu coração. Muito obrigada por cuidarem de mim e tornar o caminho muito mais fácil de ser trilhado do que foi para vocês. Obrigada por me incentivarem a ser uma pessoa melhor, amo muito vocês. Agradeço também meu irmão mais velho Júnior por sempre estar do meu lado. Também agradeço aos meus amigos de longa data, por me aguentarem reclamando da faculdade e por

serem verdadeiros abrigos na minha vida. Valeu por tudo, Mikaelly, Leyriane, Jacinto, Ramon, Arley e Kwanne. Amo vocês!

Depois de uma pandemia, aulas online, trabalhos em grupo, greve, consegui sobreviver. Por isso, sou muito grata a mim mesma, por enfrentar minhas inseguranças e medos, e pela minha evolução, como profissional e como pessoa. Agradeço muito tudo o que vivi como universitária e estudante de jornalismo. E que venham os próximos capítulos.

De Adrielle Ribeiro.

AGRADECIMENTOS

Vou iniciar agradecendo ao Grande Bom Jardim e ao Canindezinho por me mostrarem o que é resistir, em todos os aspectos. Se eu não tivesse vindo morar no Canindezinho, não teria escolhido esse tema, tampouco teria o fascínio que tenho por ele. Sair do Canindezinho e precisar cruzar essa cidade todos os dias me fez ser a mulher que sou hoje, me fez ter revolta e sensibilidade com coisas que tantas pessoas normalizam. Tenho certeza de que ter crescido aqui me fez ser uma pessoa melhor. Poder fazer um documentário sobre o lugar onde moro há tantos anos, com certeza, foi um dos maiores privilégios que o jornalismo me proporcionou.

Em segundo lugar, quero agradecer à minha parceira de TCC, Adriele Ribeiro, que, de todas as pessoas envolvidas nesse documentário, foi a mais importante. Obrigada por escolher dividir mais um momento tão importante da graduação comigo, por ter me acalmado em meio a todo o medo que senti. Eu não teria uma duplinha melhor que você.

Também dedico esse agradecimento a todas as amizades que a UFC me proporcionou, em especial ao Ezequiel, com quem dividi quase todos os trabalhos da graduação e compartilhei agora as inseguranças e medos com o TCC. E claro, dedico ao Berg, Mafê, Roges e Bernardo pessoas que levarei para sempre comigo e que fizeram a experiência da minha graduação tão mais leve e divertida.

À professora Kamila Bossato, por ter abraçado nosso tema e acolhido tão bem a proposta desse documentário. Obrigada por cada orientação e incentivo para seguirmos em frente.

Quero agradecer também a Katiana Pena, Ivina Ferreira, Gutemberg Morais, Felipe e tantas outras pessoas do Instituto Katiana Pena, que sempre nos receberam de braços abertos e aceitaram contar suas histórias tão inspiradoras. Também dedico meu agradecimento especial às criancinhas do Instituto, que sempre faziam questão de avaliar as imagens que fazíamos delas.

À Kelly Enne Saldanha e Edna Freire, principalmente por terem confiado que faríamos um trabalho que retratasse a grandiosidade do Nós de Teatro. Obrigada à Manu

Morais também, por ter aceitado compartilhar sua história vivida no Nós de Teatro, assim como todos os demais integrantes do projeto.

A Josenildo Nascimento e Gislândia Barros, de todas as fontes que já entrevistamos durante a graduação, foram as mais empolgadas com um projeto nosso. Obrigada pelas merendas, pelas tantas imagens de apoio, pelos sorrisos e, principalmente, por acreditarem em nós. E, claro, não poderia deixar de agradecer à dona Marlene, por compartilhar sua história e nos dar um ensinamento tão precioso sobre a vida: nunca desistir dos nossos sonhos.

Por fim, gostaria de dedicar este agradecimento ao meu pai, que, de todas as pessoas, seria a que mais estaria orgulhosa de mim agora. Ao meu pai, que vibrava pelas primeiras frases que consegui ler e que sempre me incentivou a estudar. Toda a trajetória que construí, eu só consegui porque o senhor acreditava em mim.

De Fabíola Oliveira.

RESUMO

O presente relatório mostra como o documentário “Made in Bom Jardim” foi produzido, desde os processos de apuração até o planejamento da divulgação da produção. O documentário mostra a atuação de três projetos que trabalham com arte e cultura no território do Grande Bom Jardim, localizado na periferia de Fortaleza/CE. O Instituto Katiana Pena, o grupo Nóis de Teatro e a produtora audiovisual Bom Jardim Produções conectam-se na série pela questão territorial e por serem iniciativas que surgiram através da paixão pela arte e pelo desejo de mudança social. Na produção, abordamos, com integrantes de cada iniciativa, os processos sociohistóricos que corroboram para a marginalização da cultura periférica e as dificuldades de acesso à produções e espaços culturais que os moradores das periferias enfrentam. Também mostramos a grandiosidade dos trabalhos realizados por essas iniciativas, os desafios de produzir arte periférica e o papel que os projetos desempenham como agentes multiplicadores de transformações sociais. Por fim, a série enfatiza a potência cultural presente no Grande Bom Jardim, que se reinventa e produz sua arte de forma independente.

Palavras-chave: Grande Bom Jardim; periferia; cultura; Instituto Katiana Pena; Nóis de Teatro; Bom Jardim Produções; potência.

ABSTRACT

The present report shows how the documentary *Made in Bom Jardim* was produced, from the investigation processes to the planning of its distribution. The documentary highlights the work of three projects dedicated to art and culture in the Grande Bom Jardim territory, located on the outskirts of Fortaleza/CE. The Katiana Pena Institute, the Nóis de Teatro group, and the audiovisual production company Bom Jardim Produções are connected in the series through their territorial ties and their shared origin in a passion for art and a desire for social change.

In the production, we discuss with members of each initiative the socio-historical processes that contribute to the marginalization of peripheral culture and the challenges faced by residents of marginalized areas in accessing cultural productions and spaces. We also showcase the magnitude of the work carried out by these initiatives, the challenges of producing peripheral art, and the role these projects play as multiplying agents of social transformation.

Finally, the series emphasizes the cultural strength present in Grande Bom Jardim, which continuously reinvents itself and produces its art independently.

Keywords: Grande Bom Jardim; periphery; culture; Instituto Katiana Pena; Nóis de Teatro; Bom Jardim Produções; power.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Objeto.....	14
1.2 As iniciativas.....	16
1.2.1 Bom Jardim Produções.....	16
1.2.2 Nóis de Teatro.....	17
1.2.3 Instituto Katiana Pena.....	18
2 OBJETIVOS.....	18
2.1 Objetivo geral:.....	18
2.2 Objetivos específicos:.....	19
3 JUSTIFICATIVA.....	19
4 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	20
5 REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
5.1 Documentário.....	21
5.2 O que é a cultura?.....	22
5.3 Criminalização da cultura periférica.....	24
5.4 Marginalização da Cultura Periférica.....	24
5.5 Potencial da cultura periférica.....	26
5.6 Direito à cidade.....	27
6 METODOLOGIA.....	29
7. PRODUÇÃO.....	31
7.1 Pré-entrevistas.....	31
7.2 Entrevistas e imagens de apoio.....	31
8 PRÉ-ROTEIRO E ROTEIRO.....	38
9 EDIÇÃO.....	40
10 DIVULGAÇÃO.....	40
11 IDENTIDADE VISUAL.....	41
12 TRILHA SONORA.....	43
13 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45
ANEXO A-ROTEIRO PARTE 1.....	47
ANEXO B-ROTEIRO PARTE 2.....	52
ANEXO C-ROTEIRO PARTE 3.....	59
ANEXO D-ROTEIRO PARTE 4.....	69

1 INTRODUÇÃO

Os habitantes das áreas periféricas de Fortaleza ainda enfrentam dificuldades para acessar lugares onde são realizadas produções artísticas e culturais, precisando percorrer longas distâncias para ocupar esses lugares, devido ao fato da capital cearense possuir poucos equipamentos culturais nas periferias. Entretanto, apesar das adversidades, os moradores das periferias fortalezenas reinventam o acesso à cultura, com suas próprias iniciativas, que retratam a luta, criatividade e potencial da arte que é produzida e consumida na periferia.

Tendo em vista os fatores citados acima, o presente documentário busca potencializar a visibilidade e o alcance de iniciativas presentes no território do Grande Bom Jardim que buscam facilitar o acesso da comunidade às produções artísticas e culturais. Este trabalho também discute sobre os processos de marginalização da cultura periférica e mostra como essas iniciativas se mantêm e crescem mesmo em meio às adversidades impostas pela desigualdade social.

O documentário mostra três projetos sediados no Grande Bom Jardim que têm ganhado cada vez mais destaque no cenário cultural de Fortaleza. As iniciativas abordadas são: Instituto Katiana Pena, grupo Nós de Teatro e a produtora audiovisual Bom Jardim Produções. A obra explora a potência cultural presente no território, exibindo a grandezza dos trabalhos produzidos pelos três projetos. O intuito é contribuir para que se mude a visão estereotipada a respeito das periferias, e neste caso específico, sobre a periferia do Grande Bom Jardim, território marcado pela violência urbana, mas que também abriga diversos aspectos que também merecem ser, cada vez mais, noticiados e vistos pela sociedade.

Como é posto por Penafria (2001), um documentarista tem como principal tarefa apresentar novos modos de ver o mundo, ou mostrar o que muitos não veem. Levando isso em consideração, a produção busca desmistificar uma visão construída em grande parte pela mídia, que associa o território, sobretudo, à violência urbana.

Apresentar novos modos de ver o mundo ou de mostrar aquilo que, por qualquer dificuldade ou condicionalismos diversos, muitos não vêm ou lhes escapa, é então a principal tarefa de um documentarista. (Penafria, 2001, p.7)

Embora a violência urbana seja uma característica presente nos cinco bairros que formam o Grande Bom Jardim, sendo estes Bom Jardim, Canindezinho, Siqueira, Granja Lisboa e Granja Portugal, o território é mais do que isso, sendo uma potência cultural, com mais de cem iniciativas ligadas ao setor artístico e cultural mapeadas pelo Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ).¹

O nome do documentário “Made in Bom Jardim” surgiu a partir de uma ideia e vivência de um dos entrevistados. Josenildo, cineasta da produtora Bom Jardim Produções, nos contou que em seu primeiro filme, “O Inferno é Aqui”, colocou no banner a frase “made in Bom Jardim”. Ele relatou que colocou por brincadeira e que teve receio que essa frase afastasse o público ou levasse as pessoas a ter preconceito com o filme, por ter sido feito no bairro Bom Jardim. No entanto, a frase, que enfatiza o local onde a produção foi feita, teve o efeito inverso do esperado por Josenildo, despertando o interesse da população do território em assistir a produção.

1.1 Objeto

Ao mostrar a realidade de três iniciativas independentes periféricas ligadas ao setor artístico e cultural, o presente documentário esmiúça a rotina de projetos presentes no território do Grande Bom Jardim, periferia localizada na parte sudoeste de Fortaleza.

O território do Grande Bom Jardim é formado pelos bairros Bom Jardim, Siqueira, Granja Lisboa, Granja Portugal e Canindezinho, correspondentes ao Território 39 da cidade de Fortaleza, com exceção do bairro Canindezinho, que se localiza no Território 34. Assim como as demais periferias da capital cearense, este território possui características negativas de desenvolvimento, como um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) de Fortaleza e altas taxas de violência urbana. Os dados utilizados são do Censo Demográfico do IBGE de 2010, já que as informações coletadas em 2022 ainda não foram divulgadas.

Conforme o Censo de 2010, três bairros do território estão entre os dez piores em IDH da capital cearense. O Canindezinho apresenta o IDH de 0,1363 (115º), o Siqueira possui o IDH de 0,1487 (113º), e a Granja Lisboa tem o IDH de 0,1700 (110º lugar). Em seguida,

¹ Informação obtida através da entrevista realizada com o coordenador do Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ), Marcos Levi Nunes

estão o Bom Jardim, com IDH de 0,1949 (102º) e a Granja Portugal com 0,1902 (103º), se posicionando também entre os 20 bairros mais vulneráveis da cidade.²

Figura 1 - Os 10 piores bairros de Fortaleza quanto ao IDH no ano de 2010.

Tabela 2: Os 10 piores bairros de Fortaleza quanto ao IDH no ano de 2010.

Bairro	IDH
1º Conjunto Palmeiras	0,119
2º Parque Presidente Vargas	0,135
3º Canindezinho	0,136
4º Genibaú	0,139
5º Siqueira	0,149
6º Praia do Futuro II	0,168
7º Planalto Ayrton Senna	0,168
8º Granja Lisboa	0,170
9º Jangurussu	0,172
10º Aeroporto (Base Aérea)	0,177

Elaborado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico de Fortaleza com base nos dados do Censo Demográfico 2010.

Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico de Fortaleza.

Assim como nas demais periferias da cidade, a desigualdade social também fez nascer a mobilização social e a união das pessoas que moram neste território. Um dos frutos da luta da comunidade foi a construção do Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ), primeiro equipamento cultural público da cidade fora do corredor turístico e cultural de Fortaleza, segundo informações do portal do CCBJ.

O CCBJ é um equipamento voltado para formação artística, ação cultural e atenção social no território. Foi construído em 2006 com recursos do Fundo Estadual de

² Informação obtida via Assessoria de Imprensa da Secretaria da Gestão Regional (Seger) da Prefeitura de Fortaleza.

Combate à Pobreza (ECOP), por meio da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult). Desde então, o espaço é gerido pelo Instituto Dragão do Mar (IDM).

Atuando de maneira independente, as três iniciativas retratadas na série têm alcançado premiações e reconhecimento, mesmo estando em um cenário desfavorável ao crescimento de iniciativas culturais sediadas nas periferias.

1.2 As iniciativas

Apresentamos em nosso documentário três projetos que atuam com arte e cultura em Fortaleza, especificamente no Grande Bom Jardim. O Instituto Katiana Pena está localizado no bairro Granja Lisboa e oferece, principalmente, aulas de dança para a comunidade. O NÓIS de Teatro tem sua sede no mesmo bairro e, como o nome sugere, trabalha com teatro. Por fim, mostramos a Bom Jardim Produções, situada no bairro Bom Jardim, a produtora trabalha com cinema e audiovisual.

1.2.1 Bom Jardim Produções

A produtora independente de cinema e audiovisual Bom Jardim Produções foi fundada pelos cineastas Gislândia Barros e Josenildo Nascimento, em 2008. O projeto surgiu a partir do desejo de atuar de Gislândia e da vontade de dirigir um filme de Josenildo, desde então os cineastas já produziram 10 filmes, entre curtas, médias e longas-metragens. A produtora costuma envolver os moradores do território em suas produções, seja para serem atores e atrizes, seja para colaborar na produção de filmagens e no apoio técnico. Um dos principais objetivos do projeto é tornar o território do Grande Bom Jardim uma referência em produção audiovisual.

Uma das produções de maior repercussão da produtora foi o filme “Os Maluvidos”, exibido no 33º Cine Ceará – Festival Ibero-americano de Cinema, na mostra competitiva “Olhar do Ceará”, em 2023. No mesmo ano, o longa teve sua pré-estreia realizada no Cineteatro São Luiz. A produção foi gravada inteiramente nas ruas do Bom Jardim e seu elenco foi formado por 30 crianças e 11 adultos, entre atores principais e figurantes, todos moradores do bairro.

Além de “Os Maluvidos”, a produtora tem outras produções que se destacaram para além das ruas da região, como a série documental “Nosso Território tem História”, cujo segundo episódio recebeu o prêmio de Melhor Fotografia no 17º Festival Curta Taquary; o filme “Botija”, a websérie “Histórias Assombrosas que Minha Mãe Contava”, entre outras. Todos os curtas e longas metragens são produzidos de forma independente e envolvem pessoas do território na produção.

A produtora também oferta um curso de Cinema e Audiovisual chamado “Periferia em Foco”, através de parcerias com escolas. No curso, voltado principalmente para jovens e crianças do Grande Bom Jardim, os alunos perpassam por todas as etapas da produção audiovisual, desde a concepção do roteiro até a produção de um curta-metragem.

1.2.2 NÓIS DE TEATRO

O segundo grupo retratado neste documentário é a companhia NÓIS de Teatro. Com sede no bairro Granja Lisboa, o grupo atua na capital fortalezense desde 2002, sendo uma referência artística nacional da periferia, já tendo se apresentado em 18 estados do país. O grupo envolve, em seus espetáculos, temáticas associadas à cidade e trabalha atuando como um grupo de teatro de rua, realizando todas as estreias de seus espetáculos nas ruas do Grande Bom Jardim.

Para Altemar Di Monteiro, um dos fundadores do NÓIS de Teatro, as performances nas ruas mudam a configuração das cenas apresentadas e as interações com a plateia são um dos elementos mais marcantes das apresentações.

A plateia passa também a ter uma outra leitura sobre a cena, sobre o espaço, sobre a dramaturgia — e, por que não dizer, sobre o real, reiterando a potência performativa desse teatro que se faz numa dramaturgia ligada ao inumerável acaso da rua.”
(Monteiro, 2018, p.103)

O grupo conta com um currículo extenso de espetáculos, contando com 18 peças já estreadas, entre os quais se destacam “Todo Camburão Tem Um Pouco de Navio Negreiro”, vencedora do Prêmio Arte Negra 2013, da Fundação Nacional de Artes (Funarte); “Despejadas”, inspirada no livro "Quarto de despejo", de Carolina Maria de Jesus; “Ainda Vivas”, “Desterro” e “O Jardim das Flores de Plásticos”.

Além das produções teatrais, o grupo também é idealizador do projeto Escola de Teatros Periféricos, projeto de formação de atores a partir de uma abordagem pedagógica e poética negrorreferenciada.

1.2.3 Instituto Katiana Pena

A terceira e última iniciativa apresentada nesta série documental é o Instituto Katiana Pena. Criado em 2007 pela bailarina e coreógrafa Katiana Pena, o Instituto é uma organização não governamental, situada no bairro Granja Lisboa, que defende os direitos da criança, do adolescente e de seus familiares, garantindo o acesso à educação e transformando realidades por meio do ensino, da cultura e da arte. O Instituto, assim como os demais projetos, também tem como viés reverberar as vozes da periferia para o mundo, tendo a dança como sua principal atividade.

Atualmente o Instituto oferece 9 atividades gratuitas para as crianças e jovens do bairro Bom Jardim e adjacências. As atividades são: balé, percussão, futebol, karatê, jiu-jitsu, capoeira, muay thai, hip-hop, zumba, além de atividades complementares como aulas de português e matemática. Além das atividades, o projeto também se preocupa em oferecer alimentação para os alunos, devido às carências socioeconômicas do próprio território.

Em abril de 2017, o projeto passou por uma reforma, através do programa Caldeirão do Hulk, apresentado por Luciano Hulk, da rede Globo de televisão. Com a reforma, o projeto que antes se chamava “Stúdio Katiana Pena” passou a ser reconhecido como “Instituto Katiana Pena”. Além disso, no ano de 2023, passou a ser uma das iniciativas beneficiadas pelo programa Criança Esperança.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral:

Exibir a realidade de coletivos, de diferentes segmentos artísticos, que valorizam a cultura produzida e consumida na periferia, especificamente no território do Grande Bom Jardim, em Fortaleza.

2.2 Objetivos específicos:

- Exibir como o acesso à cultura não é igualitário, e como a periferia resiste, se reinventa e produz sua arte, mesmo diante da desigualdade social;
- Exibir e debater sobre os processos sociohistóricos que corroboram para a marginalização de determinados segmentos artísticos/culturais, consumidos e produzidos, sobretudo, na periferia;
- Apresentar, que mesmo com o preconceito, controle do Estado e estereótipos reforçados pela mídia, os moradores da periferia realizam produções artísticas, e que os gêneros produzidos nas comunidades têm ganhando cada vez mais visibilidade devido a sua qualidade e criatividade;

3 JUSTIFICATIVA

Este documentário visa exibir iniciativas que trabalham facilitando o acesso à cultura a populações que vivem em um território vulnerabilizado na cidade de Fortaleza. Os três projetos exibidos neste documentário realizam o trabalho do poder público, trabalhando com ensino, arte, alimentação e profissionalização, tudo de forma gratuita, para jovens periféricos. Potencializar a visibilidade das ações dessas iniciativas é importante para que o poder público e instituições privadas sintam-se pressionados a apoiá-las, fortalecendo suas atuações, além de contribuir para o reconhecimento da sociedade de modo geral quanto a qualidade e grandiosidade desenvolvidas pelas três iniciativas exibidas nesta produção.

Como é posto por Silva e Freitas (2020), no artigo “Toda Periferia É Um Centro” é necessário romper com o imaginário de que resta às periferias se conformarem com o pouco ou com a negligência.

Desmontar a narrativa do “fantasma da dominação” que historicamente elege e traça fronteiras maniqueistas do que é “centro” e do que é “periferia”, onde é e onde não é perigoso, quem são e quem não são os criminosos, onde é que se faz e onde não se faz “arte de qualidade”. (SILVA; FREITAS, 2020, p.5)

4 CONTEXTUALIZAÇÃO

Como é dito por Penafria (2001, p.4) “No documentário verifica-se diversidade ou, pelo menos, a possibilidade de uma grande diversidade temática”. Baseando-se nisso, apresentamos neste documentário iniciativas de três segmentos artísticos diferentes, que atuam no território do Grande Bom Jardim.

Silva e Freitas (2020) afirmam que os projetos culturais periféricos de Fortaleza têm conseguido destaque de forma distinta das produções artísticas centrais.

A efervescente produção artística nas periferias de Fortaleza é parte de um movimento em espiral que se processa longe dos holofotes das grandes mídias, do regulamento institucional e, em sua maioria, completa independência em relação aos editais públicos. (SILVA; FREITAS, 2020, p.3)

As pessoas envolvidas nos projetos apresentados neste documentário relatam, entre os principais desafios, a falta ou pouco investimento por parte dos governos para se manterem ativos. A falta de investimentos marcou sobretudo o grupo Nóis de Teatro, que durante as gravações precisou fazer uma campanha para arrecadar fundos para garantir a realização de suas atividades por mais um ano.

Os integrantes do grupo também participaram da campanha “Paga Secult-CE”, que denunciava os atrasos do pagamento da Lei Paulo Gustavo, e precisaram se mobilizar ainda para cobrar o pagamento referente ao edital Escolas Livres de Cultura, que financiou a Escola de Teatros Periféricos, iniciativa do NÓIS de Teatro que oferta aulas gratuitas para a população. Com os atrasos, o grupo também quase fechou sua sede e encerrou suas atividades.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

Para produzirmos nosso referencial teórico, abordamos, principalmente, os conceitos de “o que é documentário”, visto que estamos trabalhando com uma produção documental. Devido ao recorte da nossa pesquisa ser a cultura produzida num território periférico, também abordamos sobre marginalização da cultura periférica e elitização do acesso a espaços culturais, e para abordar a potencialidade e criatividade das produções abordadas trazemos autores que afirmam o potencial da cultura periférica.

Por fim, entendemos que o trabalho desenvolvido pelos projetos exibidos no documentário promove uma mudança no cenário cultural de Fortaleza, invertendo a tendência do centro e área nobre da cidade serem os únicos locais de fomento a produções culturais. Em virtude disso, abordamos também o conceito de direito à cidade, para explicarmos a importância de valorizarmos as produções culturais periféricas.

5.1 Documentário

Manuela Penafria (2013) afirma que filmes documentários não se resumem apenas a uma representação de algo, em um tom sóbrio e sério, mas também a uma ligação emocional com o mundo, e que os documentários devem ser julgados não apenas pela fidelidade a realidade e respeito aos personagens, mas também pela profundidade dos momentos retratados.

A emoção dominante e passível de ser associada ao documentário é a curiosidade, emoção esta inata e fundamental ao ser humano no seu relacionamento com o mundo da vida. Mas, esta emoção que move o espectador não nos parece afastada da confiança. A curiosidade implica uma aproximação ao documentário, mas a confiança alimentada e reforçada pelos procedimentos ditos documentais, como os testemunhos ou o plano-sequência, é fundamental. (Penafria, 2013, p.23)

Partindo do pressuposto de que documentários também mexem com as emoções dos espectadores, abordamos nesta série não apenas o caráter de denúncia das carências enfrentadas pelos coletivos apresentados, mas expomos também a capacidade criativa e o potencial artístico e revolucionário das periferias.

Usamos um dos modos de representação do “mundo histórico” identificados por Bill Nichols (2001), para explorar na série, no caso o Modo Perfomativo. Este modo enfatiza as dimensões subjetivas e afetivas do conhecimento a respeito do mundo, trazendo abordagens objetivas a partir da experiência individual dos personagens. Isso é feito a partir do ponto de vista que escolhemos para tratar no documentário. Para Manuela Penafria (2001) uma das principais funções do documentário é promover discussões sobre a realidade e enfrentá-la e isso é feito, principalmente, a partir do ponto de vista do documentarista.

Enquanto conceito mais abrangente, o ponto de vista permite nos falar da leitura ou visão que determinado filme, no seu todo, nos apresenta sobre determinado assunto, no caso (do documentário) sobre determinada realidade.[...] Assim, o espectador

poderá interpretar o filme através do olhar do documentarista e aperceber-se de que determinada realidade pode ser vista de modo diferente (Penafria, 2001, p.6)

No documentário, trabalhamos com o ponto de vista omnisciente, onde há indicativo de informações que ajudam a contextualizar a narração e com o ponto de vista na terceira pessoa, onde as cenas são vistas por um observador ideal (Penafria, 2001). Escolhemos estes pontos de vista, pois, trabalhamos com uma quantidade maior de personagens, que pertencem a segmentos diferentes e buscamos apresentar ao telespectador os diversos cenários e histórias a partir de um ponto de vista linear, mas que também segue a narrativa dos idealizadores dos projetos. Pensando nisso, abordamos neste documentário a exibição da cultura periférica de dentro para fora, falando diretamente com as pessoas que vivem diariamente essa cultura.

5.2 O que é a cultura?

O senso comum e o preconceito voltado para territórios periféricos criam imaginários de que “falta cultura para esses espaços” ou até mesmo que “é preciso levar cultura a essa população”. Partimos da ideia de que existe uma cultura pulsante no território do Grande Bom Jardim que está relacionada à identidade, produzindo manifestações culturais singulares. A partir disso, buscamos conceituar o que é cultura, que, segundo o antropólogo Laraia, é um processo acumulativo, que nasce da interação dos homens.

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 2009, p. 45).

O conceito de cultura ganha outra perspectiva a partir da Escola de Frankfurt, representada por Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, que desenvolveram o termo Indústria Cultural, na década de 20. Em um contexto em que os meios de comunicação se tornaram estímulos para consumo, em um mundo globalizado e com avanços tecnológicos, surgiu o conceito de cultura de massa. Os pesquisadores buscavam estudar os efeitos do capitalismo sobre a cultura, que conforme a visão deles, se transformou em mercadoria. Nessa perspectiva, classes populares eram apontadas como alienadas e inertes ao poder da classe dominante. Para os estudiosos da época, a indústria cultural tornava a sociedade homogênea,

criando produtos culturais para agradar às massas, afastando a ideia de que essas pessoas poderiam recepcionar essas produções de forma crítica.

Já os estudos culturais surgiram na década de 1960, a partir do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (Centro de Estudos Culturais Contemporâneos), na Inglaterra. Os estudiosos possuíam aproximação com as ideias marxistas, relacionando a cultura com modos de vida e práticas sociais. Em um contexto em que a cultura das massas era criticada por uma sociedade inglesa radical, com uma série de valores preservados, surge uma corrente de estudo que vai romper com a ideia de uma alta e uma baixa cultura.

Nesse contexto, o sociólogo Raymond Williams (1958) revoluciona o campo do estudo da cultura, trazendo uma reavaliação da tradição da época de uma classe dominante, que valorizava uma cultura erudita distante da massa e utilizava essa cultura para estabelecer suas ideias. O estudioso refuta a percepção de que é necessário “levar cultura para essa população”, já que seria uma forma de dominação de uma classe sobre outra. Para Williams, a cultura é algo comum, como afirmou no seu livro *Culture is Ordinary* (1958) (Cultura é comum), e pode ser produzida por qualquer pessoa, independente de sua classe social.

Para os integrantes dos estudos culturais, diferente do que pensava a sociedade burguesa, civilização e cultura compõem uma única totalidade social na perspectiva do marxismo renovado. Dessa forma, os modos de vida são projetados na cultura, e não seriam necessariamente interligados ao modo de vida da “alta sociedade”, mas com o mesmo potencial de se interligar com o modo de vida operário e das classes populares, ampliando o conceito de cultura.

As possibilidades totais do conceito de cultura como um processo social constitutivo, que cria ‘modos de vida’ específicos e diferentes, que poderiam ter sido aprofundados de forma notável pela ênfase no processo social material, foram por longo tempo irrealizadas, e com frequência substituídas na prática por um universalismo abstrato unilinear (Williams, 1979, p. 25).

Indo de encontro com a ideia de que em espaços periféricos não se produz cultura ou de que as pessoas que não acessam a cultura das classes dominantes são um “povo sem cultura”, Sebastião Rios discorre em seu livro *Cultura popular: práticas e representações. Sociedade e Estado* (2014), sobre a cultura popular desenvolvida pelas “classes baixas”, que produzem uma cultura acessível e pertencente a todos os membros de uma comunidade.

Nesse sentido, o conceito de cultura se amplia e inclui o que conhecemos como cultura periférica, estando ela diretamente ligada à localidade, identidade e diversidade.

5.3 Criminalização da cultura periférica

Como é posto por Dantas (2021), a marginalização das manifestações negras e periféricas possui sua origem no Brasil colonial, dominado pelo controle social da elite branca, que utilizava o pretexto de assegurar a ordem pública ao proibir manifestações que pudessem despertar um sentimento de liberdade e identificação entre os escravizados.

Silva e Oliveira (2022) também enfatizam que os processos de marginalização foram reforçados durante o período da ditadura militar (1964-1985), época em que as manifestações negras e periféricas também sofreram forte repressão, pois além do preconceito estrutural, o Estado também censurava toda produção que não estivesse de acordo com suas diretrizes.

Cabia aos ditadores decidir sobre o que seria publicado, tornado público, cantado, exposto para acesso ou não. Em linhas gerais, somente autorizava aquele tipo de publicação que agradava a classe dominante, não por acaso, branca e heteropatriarcal, sendo que o que não agravada era também material para extorção, prisão, perseguição, tortura, assassinatos e proibições variadas. (SILVA, OLIVEIRA, 2022, p.38)

Com isso, gêneros periféricos também foram combatidos sob alegações de que essas manifestações artísticas faziam apologia ao crime. Dantas (2021) usa como exemplo o gênero musical do funk, para afirmar que esta criminalização tem mais a ver com a classe social do que com o gênero em si. Por exemplo, “os fundamentos utilizados para seu impedimento, como o consumo de drogas e substâncias ilícitas, ocorrem também nos eventos em boates frequentados pela classe média e alta” (Dantas, 2021, p.39).

5.4 Marginalização da Cultura Periférica

Entre tantos equipamentos culturais geridos pela Secretaria da Cultura do Ceará (Secult Ceará) e concentrados na área central e elitista da cidade de Fortaleza, o Centro Cultural Bom Jardim, no bairro Granja Portugal, é um dos poucos centros culturais estaduais localizados em uma área periférica de Fortaleza. Quando analisamos o contexto municipal

também é perceptível que a maioria dos equipamentos de cultura não estão próximos das áreas menos economicamente desenvolvidas.

Apesar da máscara de silenciamento, como conceitua a escritora Grada Kilomba em seu livro *Memórias de Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano* (2019), estabelecida em áreas periféricas como o território do Grande Bom Jardim, a cultura nessa região se destaca, apesar de não ganhar notoriedade pela população e investimento governamental. Segundo a perspectiva da escritora portuguesa, existe uma política de espaço que revela os reflexos da colonização até hoje na sociedade brasileira.

Estão imbricadas na elaboração de máscaras de silenciamento, que escamoteiam tanto as desigualdades na imposição de condições de vida precárias quanto a criatividade e persistência na vida produzidas nas margens. (KILOMBA, 2019, p.20).

A formação das cidades brasileiras foi marcada pela marginalização de pessoas periféricas, afastando elas dos centros e as estabelecendo em lugares mais afastados, criando, assim, as favelas. Do mesmo modo, atualmente existe um certo distanciamento do cenário cultural de Fortaleza das periferias, indicando a marginalização que esses territórios sofrem.

Abdias Nascimento (2016) aborda o fato de as classes dominantes brancas terem à sua disposição poderosos implementos de controle social e cultural, além das várias formas de comunicação de massa, como imprensa, televisão e rádio. Todos esses instrumentos estão a serviço das classes de poder, criando uma narrativa que coloca pessoas negras e periféricas como incapazes de conduzir a própria cultura, além de não existirem pautas que mostram a potência da periferia.

Em seu estudo *Toda Periferia é um Centro* (2020), os pesquisadores da Universidade Estadual do Ceará (UECE) Francisco Rômulo e Geovani Jacó abordam como o termo “marginal”, geralmente empregado de forma negativa e voltado para periferia, pode ser utilizado de forma estética e política. Segundo os autores, apesar de as pessoas periféricas se situarem em contexto de marginalização social e econômica, não devem ser excluídas do cenário cultural de Fortaleza.

5.5 Potencial da cultura periférica

Quando a maioria das pessoas pensa em periferia, logo interliga a ideia de um lugar com uma série de problemas, seja a falta de segurança, estrutura e até mesmo de potencial, como é abordado pela socióloga brasileira Licia do Prado Valladares, ao criar o termo “favela inventada”. Esse mito em torno desse espaço, segundo a pesquisadora, cria o imaginário de que, por exemplo, pessoas da periferia não são capazes de produzir arte, o que afeta a autoestima criativa de muitos indivíduos periféricos.

Em busca de romper essa ideia, que impede as pessoas da periferia de ver o seu próprio potencial, existem iniciativas que criam novos cenários e possibilidades, que amplificam a perspectiva que se tem nos espaços periféricos. Os projetos artísticos apresentados nesta produção audiovisual Instituto Katiana Pena, Nós de Teatro e Bom Jardim Produções tornam o território do Grande Bom Jardim também lugar de produção artística, mostrando o potencial de transformar contextos sociais.

Tendo em vista os estigmas sobre a periferia, é necessário criar “práticas de re-existência”, como Achinte (2017) aborda, indo de encontro com os processos de marginalização e apostando na existência de um modo criativo. Dessa forma, re-existir seria reescrever suas histórias diferente do que é estipulado a partir da sua localização, além de mostrar que a periferia pode ser uma potência cultural.

A autora bell hooks destaca em seu livro *Anseios: raça, gênero e políticas culturais* (2019), que a marginalidade pode ser experimentada como campo de possibilidade, potencialidade e invenção. Conforme a autora, a marginalidade, nesse caso a periferia, é muito mais que um lugar de falta, sendo também “espaço de possibilidade radical” e de “produção de um discurso contra-hegemônico que não se encontra apenas nas palavras, mas nos hábitos de existência e de vida” (hooks, 2019, p. 289).

Eu não estava falando de uma marginalidade que alguém quisesse perder – da qual quisesse se livrar ou se afastar à medida que se aproximasse do centro –, mas sim de um lugar onde se fica, e até mesmo ao qual se apega, por alimentar a sua capacidade de resistência. Essa marginalidade oferece a uma pessoa a possibilidade de ter uma perspectiva radical a partir da qual possa ver e criar, imaginar alternativas, novos mundos” (hooks, 2019, p. 289).

Desse modo, entendemos que o discurso que coloca a periferia como lugar de problema não se concretiza, visto os impactos que as iniciativas abordadas no documentário “Made in Bom Jardim” mostram. Como é dito em um dos slogans do Instituto Katiana Pena, “Favela não é problema, é solução”. Esses projetos vem realizando uma “prática cultural radical”, como conceitua hooks (2019), mostrando a resistência da periferia frente aos preconceitos e desigualdades impostos, além de se estabelecer como “espaço de possibilidade radical”, evidenciando que a periferia também pode se destacar no cenário cultural de Fortaleza.

5.6 Direito à cidade

Por fim, abordamos o conceito do direito à cultura como algo intrínseco ao direito à cidade, em virtude das fontes promoverem programações culturais no Grande Bom Jardim e contribuírem para a descentralização das atrações culturais de Fortaleza. Além disso, os três projetos exibidos no documentário produzem ações que ressignificam o imaginário a respeito do território do Grande Bom Jardim.

O direito à cidade, como afirma Marino (2015), não é um direito relacionado estritamente aos espaços físicos urbanos, mas também ao imaginário que se tem de uma determinada localidade, incluindo o direito de reconstruir esse imaginário. “Com isso, sob a ótica das periferias urbanas, o direito à cidade não se traduz de forma literal, como o direito à periferia, e sim como o direito de criar novas possibilidades a esse território.” (Marino, 2015, p.12).

O Instituto Katiana Pena e o grupo Nós de Teatro, por exemplo, possuem uma tradição de sempre realizarem as estreias de seus espetáculos nas ruas do território. A produtora Bom Jardim Produções possui como elenco de seus filmes apenas moradores do bairro, além de realizar mostras e exibições de suas produções também no território. As três iniciativas também trabalham com ensino, afetando a falta de programação cultural e lazer comum nas periferias.

“Atos culturais produzem e transformam o uso, forma e significado do ambiente construído” (Sandler, 2018, p.97). Para a autora, reconhecer as características dos moradores das áreas periféricas e suas necessidades para realizar o planejamento urbano é ampliar o

direito de participação de processos políticos e construções urbanas, é por em prática o urbanismo com o entendimento da dimensão sócio-cultural do espaço, o que ela chama de “urbanismo de base”.

O “urbanismo de base” apresentado por Sandler (2018) considera que o planejamento urbano de uma cidade precisa olhar para além do centro, levando em consideração iniciativas e agentes que interferem no espaço em que estão inseridos.

Qualquer ação ou projeto visceralmente ligado ao espaço urbano (seja a um local específico, ou a um tema ou aspecto do urbanismo) que representasse um esforço de agir sobre ou transformar tal espaço ou aspecto (o que implica que esses projetos não estaram apenas tentando reagir a uma situação ou representar ou expressar tal situação, mas que seriam proativos, antecipando questões e propondo intervenções e mudanças efetivas). (Sandler, 2018, p.103)

Na mesma linha de pensamento, que reconhece a cultura como um fator ligado ao direito à cidade, ao urbanismo e à partilha dos recursos públicos, Raquel Rolnik (2016) afirma que a cultura não é um elemento externo ao urbanismo, mas que está presente na construção dele. A autora chama essa correlação de “dimensão territorial da cultura”.

A dimensão territorial da cultura vê que coletivos que atuam em bairros periféricos facilitando ou promovendo acesso a produções culturais contribuem para modificar a cidade, tornando-a mais igualitária e justa e, portanto, devem receber recursos para serem potencializados (Rolnik, 2016).

“Tais atores ocuparam um espaço que o Estado, a iniciativa privada e os movimentos sociais tradicionais historicamente deixaram de lado, e se caracteriza hoje como atores centrais na mobilização e articulação social de seus territórios.” (Marino, 2015, p.21). O autor reforça a necessidade do Estado ampliar a participação dos coletivos culturais e associações diversas que compõem a sociedade na gestão governamental e no processo de produção das políticas públicas, realizando uma gestão mais democrática e que melhor atende às necessidades da população.

Projetos e planos que compreendem o território de forma ampliada, envolvendo a dimensão cultural, capazes de evidenciar o que as pessoas pensam sobre os espaços e as dinâmicas existentes, e assim compreender melhor quais são suas necessidades e anseios de mudança. (Marino, 2015, p.22)

6 METODOLOGIA

A produção do documentário demandou, principalmente, a utilização de cinco procedimentos metodológicos. São eles:

- Pesquisa Online;
- Pesquisa de Campo;
- Pesquisa Bibliográfica;
- Construção de roteiros e realização de entrevistas filmadas;
- Montagem de documentário.

Inicialmente, quando decidimos desenvolver um documentário sobre projetos de cultura na periferia de Fortaleza como trabalho de conclusão de curso, começamos a catalogar algumas iniciativas que poderiam se encaixar na nossa proposta. Para isso, realizamos pesquisas na internet sobre os projetos, analisando suas atividades, o seu impacto na comunidade e sua localidade. Tivemos acesso às suas redes sociais, assim como entrevistas e matérias online que abordassem a iniciativa.

Nossa ideia era selecionar os projetos que trabalhassem com diferentes manifestações culturais e de regiões diversas. Entramos em contato, via *e-mail* e *WhatsApp* com algumas instituições que pudessem nos indicar alguns projetos, para termos uma maior quantidade de iniciativas para escolher. Entre as organizações que nos apresentaram diversas possibilidades e contribuíram para a escolha estão a Rede Cuca, o Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Biblioteca Pública Estadual do Ceará (BECE). O Mapa Cultural do Ceará, plataforma que reúne diversas iniciativas culturais do Estado do Ceará, também ajudou a conhecer muitos projetos.

No site do Centro Cultural Bom Jardim, na aba “parceiras”, também tivemos acesso às entidades parceiras, que são em sua maioria projetos da periferia que trabalham com cultura. Com a lista de iniciativas existentes nas periferias de Fortaleza, fizemos os recortes daquelas que tinham algo em comum: o território do Grande Bom Jardim. Dessa forma, escolhemos trabalhar com o Nós de Teatro, o Instituto Katiana Pena e a Bom Jardim Produções.

Em seguida, foi realizada uma pesquisa de campo, que consistiu na presença das pesquisadoras no local estudado, ou seja, no território do Grande Bom Jardim. O objetivo desse momento foi coletar dados precisos sobre o objeto de pesquisa. Dessa forma, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, com perguntas pré-estabelecidas, mas também abertura para que os entrevistados introduzissem questões não previstas. Conforme a jornalista e pesquisadora Cremilda Medina (1986), é necessário levar em consideração a subjetividade de cada pessoa durante a realização das entrevistas.

Ao lidar com o perfil humanizado, consciente ou inconscientemente, se faz presente o imaginário, a subjetividade. Como enquadrar nos limites de um questionário fechado, de uma cronologia rígida, de uma presentificação radical, uma personagem que ultrapassa esses ditames? O Diálogo Possível, se acontecer, já contraria essa fórmula. (MEDINA, 1986, p. 43)

As pré-entrevistas nos ajudaram a conhecer mais dos três projetos e definir os tópicos que seriam tratados nas entrevistas. Também estivemos in loco para acompanhar outras atividades das iniciativas, como estreias de espetáculos, ensaios e aulas. Entre as 22 gravações realizadas, 20 foram feitas no território do Grande Bom Jardim.

Em paralelo com as entrevistas, foi realizada a pesquisa bibliográfica, que baseou teoricamente o produto. Cervo e Bervian afirmam que esse método é essencial para “conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema” (Cervo e Bervian, 1983, p. 65). Dessa forma, foram estudados autores e conceitos na área do audiovisual, da cultura e periferia, que são assuntos que estão relacionados com o produto.

Por fim, com as gravações das entrevistas e imagens de apoio feitas, procedemos com a montagem do documentário, que foi dividido em roteirização e edição. Dividido em quatro partes, foram produzidos quatro roteiros, abordando a apresentação dos projetos, as dificuldades enfrentadas, os impactos das ações para a comunidade e a relação dos idealizadores do projeto com o território.

7. PRODUÇÃO

7.1 Pré-entrevistas

A primeira pré-entrevista que fizemos foi no Instituto Katiana Pena, em 27 de setembro de 2023. Já a primeira visita ao grupo de teatro Nós de Teatro foi feita no dia 25 de janeiro de 2024. Por último, no dia 23 de março de 2024, fizemos a pré-entrevista com a produtora de audiovisual Bom Jardim Produções.

Buscamos fazer as pré-entrevistas de maneira aprofundada, já que nosso intuito era conhecer ao máximo os projetos antes de decidirmos quais perguntas iriam guiar as entrevistas gravadas. O fato de termos realizado as pré-entrevistas também contribuiu para a montagem do pré-roteiro, pois conseguimos estruturá-lo melhor, devido à quantidade de informações que já possuímos sobre os projetos.

Após a realização das pré-entrevistas, escrevemos o pré-roteiro, no qual idealizamos as perguntas que iriam ser feitas durante as gravações. Neste primeiro momento, nosso objetivo era produzir uma série documental, o que foi mudado após realizarmos todas as entrevistas, visto que um longa metragem iria narrar melhor as histórias dos projetos, interconectando-as.

7.2 Entrevistas e imagens de apoio

Para realizar as entrevistas foram utilizados dois aparelhos smartphones iOS, modelo Iphone XR, dois microfones de lapela K9 Wireless Microphone e um aparelho de iluminação ring light. As imagens foram armazenadas na plataforma Google Drive, separadas em pastas. Cada gravação foi dividida entre as imagens do plano principal e as imagens de apoio. Já as transcrições das entrevistas foram feitas na plataforma Pinpoint.

As gravações oficiais iniciaram nos dias 13 e 14 de dezembro de 2023, quando filmamos o Festival Corpo Potência, realizado pelo Instituto Katiana Pena, no Cuca Pici. Na ocasião, gravamos imagens de apoio do espetáculo, além de conversar com os pais de alguns alunos do projeto que estavam prestigiando o evento.

No dia 4 de maio de 2024, acompanhamos o Alvorço Quilombo, evento realizado pelo Nós de Teatro em comemoração ao retorno de suas atividades, após a falta de pagamento de recursos por parte da Secult, e em despedida da antiga sede do projeto. No

evento, entrevistamos a aluna Emanuela Moraes, que relatou o impacto do Nós de Teatro em sua vida.

Figura 2 - Entrevista com Manu Moraes, durante o Alvoroco do Nós de Teatro.



Fonte: Adriele Ribeiro

A partir de então, iniciamos as entrevistas com os personagens principais do documentário. A primeira fonte foi Katiana Pena, empreendedora social, fundadora, bailarina e coreógrafa do Instituto Katiana Pena. A fundadora relatou como surgiu o instituto, um pouco de sua trajetória, os desafios de gerenciar uma instituição do terceiro setor, os desafios e metas a serem alcançados. A bailarina também comentou sobre os momentos mais marcantes ao longo dos 11 anos do instituto, como participar do programa Caldeirão do Hulk da Rede Globo de televisão e ser um dos projetos beneficiados pelo programa Criança Esperança.

Também do Instituto Katiana Pena, entrevistamos Gutemberg Morais e Ivina Ferreira, ambos bailarinos profissionais e moradores do Grande Bom Jardim. As duas fontes tiveram suas vidas impactadas pelo instituto e se tornaram membros dele, sendo que Ivina também é professora da instituição e Gutemberg é jornalista e gerencia a comunicação do projeto. A ideia dessas entrevistas foi reforçar o papel que a instituição desempenha na vida de jovens periféricos e como a arte, mais especificamente a dança, impacta a vida deles.

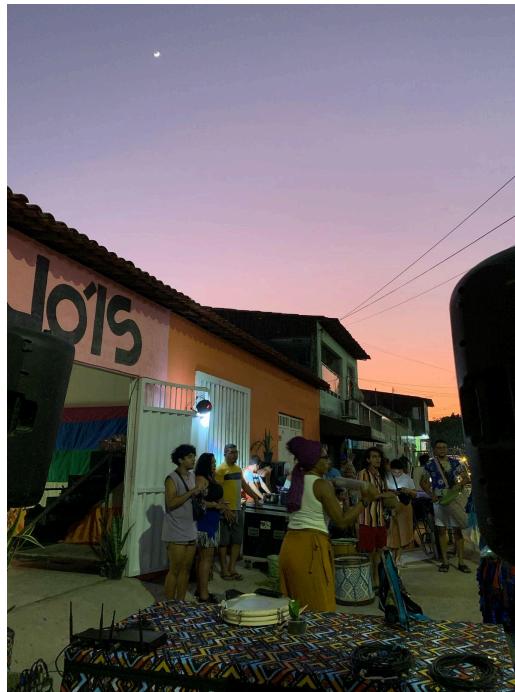
Figura 3 - Gravações no Instituto Katiana Pena.



Fonte: Adriele Ribeiro/ Fabíola Oliveira

Posteriormente, entrevistamos Edna Freire, atriz, professora e uma das integrantes do Nós de Teatro desde a sua concepção. Durante a entrevista, ela falou sobre o início do projeto, todas as conquistas alcançadas, os espetáculos mais marcantes e sobre a situação delicada que o Nós de Teatro enfrenta na atualidade para se manter em meio à falta de recursos. Elemento que também foi reforçado por Kelly Enne Saldanha, também atriz e coordenadora pedagógica do Nós de Teatro, outra entrevistada. Ela também relatou todas as adversidades que projetos que trabalham com teatro enfrentam em Fortaleza. Além das duas integrantes do Nós de Teatro, entrevistamos uma aluna que passou pela Escola de Teatros Periféricos.

Figura 4 - Gravações da inauguração da nova sede do Nós de Teatro



Fonte: Adriele Ribeiro

Da produtora de audiovisual Bom Jardim Produções, entrevistamos Josenildo Bastos, Gislândia Nascimento, Marlene Matos e Sarah Evellyn. Josenildo e Gislândia fundaram o projeto a partir do desejo de atuação de Gislândia e da vontade que Josenildo tinha de produzir um filme. Antes de fundarem a produtora, ambos pertenceram a um grupo de teatro, onde puderam se aprofundar na atuação.

Já Marlene Matos é mãe de Josenildo e sempre sonhou em ser atriz, mas devido à falta de oportunidades só pôde realizar seu sonho depois da criação da Bom Jardim Produções. Essa fonte foi escolhida, principalmente, para mostrar o quanto a arte impacta a vida das pessoas independentemente da idade.

Figura 5 - Gravações da exibição do filme Os Maluvidos, da Bom Jardim Produções



Fonte: arquivo pessoal das autoras

Já Sarah Evellyn foi uma das atrizes do longa-metragem mais importante da Bom Jardim Produções, o filme Os Maluvidos. Ela interpretou a personagem Nina e foi escolhida para relatar como a produtora de audiovisual mudou sua vida. Através dessa entrevista, foi possível ver o impacto causado pela Bom Jardim Produções e o quanto a experiência do cinema mudou a realidade de Sarah.

Figura 6: Gravação dos bastidores da novela da Bom Jardim Produções, dia 1º de fevereiro de 2025.



Fonte: Adriele Ribeiro.

Para trazer uma fala institucional e que pudesse apresentar um contexto completo do cenário cultural do Grande Bom Jardim, entrevistamos o coordenador do CCBJ, Marcos Levi Nunes. Essa fonte foi escolhida, pois o CCBJ foi o primeiro centro cultural de base periférica de Fortaleza, e foi fruto da mobilização social dos moradores do território. O equipamento também tem uma relação direta com diversas iniciativas culturais do Grande Bom Jardim.

A entrevista de Marcos reforça a qualidade conceitual e artística dos projetos abordados no documentário, o quanto é necessário que o Estado invista mais nas iniciativas periféricas e o quanto a política cultural desempenha um papel fundamental ao ofertar conhecimento e oportunidades para a população inserida em contextos de vulnerabilidade social e violência urbana.

Incluindo entrevistas, acompanhamento de eventos e captação de imagens dos projetos e do território, foram realizadas 22 gravações. As gravações do Festival Corpo Potência, que ocorreram no Cuca Pici, foram as únicas que ocorreram fora do território do Grande Bom Jardim. Com a participação de 11 fontes, o material bruto das entrevistas tem 5 horas, 7 minutos e 23 segundos de gravação. O produto final ficou com 53 minutos e 46 segundos.

Tabela 1: Indicação das entrevistas e gravações para o “Made in Bom Jardim”, incluindo dia e endereço.

Gravação	Data	Local
Festival Corpo Potencia dia 1	13/12/2023	Cuca Pici (R. Cel. Matos Dourado, 1499 - Pici)
Festival Corpo Potencia dia 2	14/12/2023	Cuca Pici (R. Cel. Matos Dourado, 1499 - Pici)
Alvoroço Quilombo	04/05/2024	Sede antiga do Nóis de Teatro (Avenida José Torres, 121, Granja Portugal)
Entrevista com Katiana Pena	20/05/2024	Instituto Katiana Pena (Rua Mirtes Cordeiro,

		3147, Granja Lisboa)
Entrevista com Edna Freire	25/05/2024	Sede antiga do NÓIS de Teatro (Avenida José Torres, 121, Granja Portugal)
Entrevista com Ivina Ferreira	04/06/2024	Instituto Katiana Pena (Rua Mirtes Cordeiro, 3147, Granja Lisboa)
Entrevista com Gutemberg Morais	04/06/2024	Instituto Katiana Pena (Rua Mirtes Cordeiro, 3147, Granja Lisboa)
Entrevista com Kelly Enne Saldanha	08/06/2024	Sede antiga do NÓIS de Teatro (Avenida José Torres, 121, Granja Portugal)
Entrevista com Gislândia Barros e Josenildo Nascimento	15/06/2024	Casa do Josenildo e da Gislândia
Entrevista com o coordenador do CCBJ Marcos Levi	18/06/2024	Centro Cultural Bom Jardim (Rua 3 Corações, 400, Granja Lisboa)
Gravação do ensaio da Companhia Corpo Mudança do Instituto Katiana Pena	01/07/2024	Instituto Katiana Pena (Rua Mirtes Cordeiro, 3147, Granja Lisboa)
Entrevista com Sarah Evellyn	17/07/2024	Casa da Sarah
Exibição do filme Os Maluvidos para a comunicade	20/07/2024	Instituto PSV (Rua Marcelo Santa Fé, 934, Siqueira)
Entrevista com Marlene Matos	04/08/2024	Casa da Marlene

Inauguração da sede do NÓIS de Teatro	07/09/2024	Nova Sede do NÓIS de Teatro (Rua Guararema, 204, Granja Lisboa)
Espetáculo da Escola de Teatros Periféricos	13/09/2024	Rua Guararema, Granja Lisboa
Gravação do encerramento do curso de cinema e audiovisual Periferia em Foco	12/12/2024	Rua B, 1352, Conjunto Palmares (Granja Lisboa)
Gravação da aula ministrada pela Ivina	09/12/2024	Instituto Katiana Pena (Rua Mirtes Cordeiro, 3147, Granja Lisboa)
Gravação do teste de elenco da novela produzida pela Bom Jardim Produções	07/01/2025	Centro Cultural Canindezinho (Av. Gen. Osório de Paiva, 6061, Canindezinho)
Gravação da entrada do Bom Jardim	07/01/2025	Avenida Osório de Paiva, Bom Jardim
Gravações no território	27/01/2025	Ruas variadas
Gravação da novela da Bom Jardim Produções	01/02/2025	Rua Nova Friburgo, 248, Parque Santo Amaro (Bom Jardim)

Fonte: Adriele Ribeiro e Fabíola Oliveira

8 PRÉ-ROTEIRO E ROTEIRO

Produzimos um pré-roteiro, com ideias iniciais do que gostaríamos de captar para nossa produção audiovisual, partindo dos relatos que recebemos das pré-entrevistas. Separamos em duas colunas, a primeira correspondia às imagens a serem exibidas, enquanto a segunda coluna determinava o assunto que seria abordado naquele momento. Com o pré-roteiro montado, conseguimos pensar nas perguntas que seriam feitas nas entrevistas das gravações oficiais, e em que ordem elas seriam feitas.

O roteiro foi desenvolvido a partir do momento em que finalizamos as entrevistas. O conteúdo das entrevistas foi transscrito através da plataforma Pinpoint. Com as transcrições, selecionamos as principais falas de cada entrevistado e encaixamos no roteiro a partir das temáticas que determinamos e separamos por bloco, além de incluir conteúdos não previstos que surgiram a partir da espontaneidade das conversas com as fontes. O processo de roteirização foi iniciado no final de setembro de 2024.

Assim como o pré-roteiro, o roteiro foi feito em duas colunas, a primeira contendo as imagens a serem exibidas, além de informações sobre enquadramento do entrevistado, animações, minutagem e imagens de apoio. Já a segunda coluna determinava o assunto que seria abordado naquele momento, exibindo a transcrição do trecho selecionado da entrevista.

O roteiro foi dividido em quatro blocos, cada um abordando um aspecto principal a ser desenvolvido. O primeiro bloco trata sobre o surgimento dos projetos, quem os idealizou e o porquê, além de trazer um pouco da história dos coletivos, mostrando algumas das principais ações ou espetáculos. Esse primeiro momento focou na apresentação das fontes principais e na ambientação do telespectador com os segmentos culturais de cada projeto.

O segundo bloco aborda as principais dificuldades enfrentadas pelos projetos, além de trazer as experiências e opiniões sobre os processos de marginalização e preconceito com a cultura periférica.

A terceira parte do documentário trata sobre a relação que os projetos têm com a comunidade, do envolvimento dos moradores do Grande Bom Jardim nas produções das iniciativas, sobre a união e cooperativismo presentes na periferia. Este terceiro bloco foca em mostrar a capacidade criativa que as fontes possuem para lidar com as dificuldades.

Por fim, o quarto e último bloco exibe a relação dos projetos com o próprio território, as questões de pertencimento e orgulho de trabalhar com cultura periférica e os momentos mais marcantes. A última parte reforça, assim, a necessidade de ressignificar uma visão estereotipada sobre o bairro Bom Jardim ser apenas um lugar de violência. De fato, a violência urbana é uma característica forte do bairro e do território do Grande Bom Jardim, assim como as demais periferias de Fortaleza, no entanto, também há uma verdadeira potência cultural presente no local, que precisa ser valorizada e cada vez mais vista. A principal

mensagem deste último bloco é reforçar que o Grande Bom Jardim também precisa ser conhecido pelos seus aspectos positivos e pela sua riqueza cultural.

9 EDIÇÃO

O documentário foi editado no aplicativo CapCut, versão desktop. Além deste aplicativo, também foi utilizada a ferramenta Canva para a criação dos GCs e demais elementos gráficos que aparecem no documentário, como os elementos que identificam as imagens que são de arquivos pessoais dos projetos.

Assim como o roteiro, o documentário foi editado em quatro partes, duas para cada aluna. A divisão foi feita visto que o processo de edição demandaria muito tempo. Com isso, foi possível editar com mais celeridade. A estrutura da edição baseou-se principalmente em juntar as partes com cortes simples, trazendo mais fluidez para a narrativa. Também foram utilizadas funções do CapCut para aprimorar a qualidade das imagens, como a função de estabilização e redução de ruído.

Após a edição e revisão das quatro partes, juntamos todas em um único projeto no CapCut, fazendo assim o longa-metragem. A vinheta é a única parte do documentário que foi produzida com a participação de um profissional externo, sendo feita pelo animador Gabriel Lopes, já que optamos por fazer uma abertura com ilustrações semelhantes a pinturas em aquarela, com traços delicados e design colorido, remetendo à diversidade cultural abordada na série.

10 DIVULGAÇÃO

Um dos fatores que contribui para escolhermos um produto audiovisual como trabalho de conclusão de curso é o fato de ter a oportunidade de disseminar o conteúdo para além dos muros da universidade, furando a bolha acadêmica e chegando em outros grupos da sociedade. Dessa forma, após as considerações e sugestões da banca examinadora quanto ao documentário, pretendemos exibir publicamente o material audiovisual.

Nossa ideia é, primeiramente, realizar exibições do produto audiovisual em espaços culturais do Grande Bom Jardim, tendo em vista que é uma produção que conversa e

homenageia a cultura e as pessoas presentes nesse território. Buscamos priorizar esses polos na periferia para reforçar a mensagem que é propagada no documentário de que as produções e coletivos artísticos periféricos precisam ser mais valorizados no cenário cultural de Fortaleza. Para isso, vamos dialogar com representantes do CCBJ e do Centro Cultural Canindezinho para exibir a produção nesses espaços.

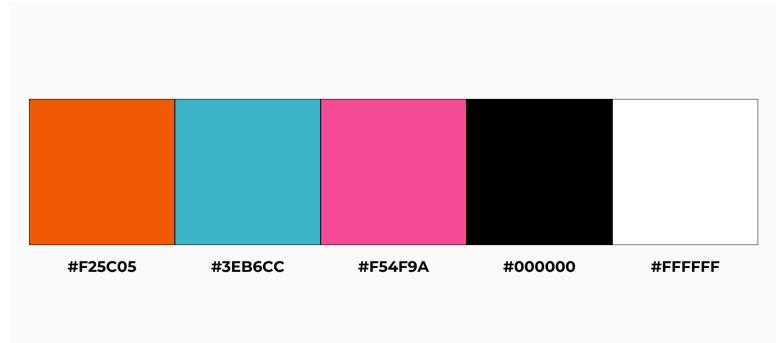
Posteriormente, pretendemos criar um perfil nas redes sociais do “Made in Bom Jardim” para divulgar o produto através de teasers, trailers, posts, carrosseis, stories, entre outros. Em seguida, vamos realizar o lançamento do documentário completo no YouTube. Após publicado, vamos repassar um release, contendo descrição sobre a obra audiovisual, para os projetos participantes, para a imprensa local e para instituições que trabalham com a cultura, como as que possuem vínculo com a Secretaria de Cultura do Estado (Secult) e Secretaria de Cultura de Fortaleza (Secultfor), para auxiliarem na divulgação do produto.

11 IDENTIDADE VISUAL

A identidade visual do documentário foi definida tendo como base as cores mais utilizadas pelos projetos. Por exemplo, o Instituto Katiana Pena utiliza bastante em suas publicações no Instagram as cores laranja e azul turquesa. Pensando nisso, colocamos o GC de cada entrevistado do Instituto laranja e branco, para remeter ao projeto do qual o entrevistado faz parte.

Da mesma forma foi feito com os demais projetos, tendo o Nós de Teatros as cores rosa e preto, fazendo referência à fachada da sua sede, e a Bom Jardim Produções ficou com branco e preto, que são as cores presentes na sua logomarca.

Figura 7 - Paleta de cores do documentário e seus respectivos códigos.



Fonte: Fabíola Oliveira

Figura 8 - GC de fonte pertencente ao grupo Nóis de Teatro.



Fonte: Fabíola Oliveira

A tipografia do documentário consiste nas fontes Montserrat, usada para pequenos textos e frases, e a TS Arabic Bebas Neue Pro, usada nos GCs dos entrevistados. As fontes foram escolhidas por remeter à estética urbana, com um traço bem marcado, limpo e formas equilibradas.

A fonte Montserrat foi escolhida para ser usada nas legendas do documentário por ela proporcionar uma leitura fácil e agradável. Devido ao seu design sem serifa, com linhas geométricas e aspecto minimalista, ela também transmite uma sensação de contemporaneidade e modernidade.

A fonte TS Arabic Bebas Neue Pro foi utilizada nos nomes dos entrevistados e das iniciativas (os GCs), assim como nos elementos que sinalizam as imagens que pertencem aos arquivos pessoais dos projetos. A fonte remete a estética do grafite, trazendo o aspecto

urbano e periférico. A ideia é que a fonte também transmitisse um ar descontraído e jovem para o documentário, porém mantendo uma boa legibilidade.

Figura 9 - Reprodução da vinheta do Made in Bom Jardim



Fonte: Gabriel Lopes

A vinheta mostra as fachadas dos três projetos abordados no documentário, além de exibir a entrada do bairro Bom Jardim, principal ponto de referência do território, mostrando o percurso feito entre um projeto e outro, até chegar à entrada do bairro. As cores predominantes da vinheta são as mesmas da paleta de cores, representando os principais tons utilizados por cada uma das fontes. Escolhemos utilizar a animação em aquarela por remeter a arte, que é um dos temas centrais do documentário.

12 TRILHA SONORA

A trilha sonora do “Made in Bom Jardim” conta com quatro músicas, sendo três instrumentais, que foram encontradas no banco de áudios gratuitos Artlist, e uma canção com uma letra que remete ao território. Para encontrar músicas que combinasse com a produção foram pesquisadas palavras-chave como “tambor”, “batuque” e “coletividade”, além de “drum”, que em português significa tambor, já que são sonoridades e temáticas que se relacionam com as canções que ouvimos em eventos dos projetos, como o “Alvoroço” do Nós de Teatro, e o “Festival Corpo Potência”, do Instituto Katiana Pena.

Para a introdução utilizamos a trilha “Medusa the Mournful” de Louis Adrien, que traz uma sonoridade leve que pensamos para o início do documentário. Nessa parte inicial, foram utilizados alguns trechos de textos para contextualizar a temática do documentário. Dessa forma, ter uma melodia leve que não atrapalhasse o fluxo de leitura e consciência foi levado em consideração para a escolha da música. O instrumental conta com a melodia lenta do violão com um leve batuque.

Em seguida, foi utilizada a trilha “No mundo da Percussão”, de Joca Perpignan, que traz mais animação para a vinheta. Nessa canção, é possível perceber uma maior riqueza de instrumentos, com tambores e baterias, além de encerrar com o som de um pandeiro. Na conclusão, a música “Maculelê”, de Maitê Inaê, também traz a sensação de coletividade com os diversos batuques, que acompanham os momentos finais da narrativa.

Após as entrevistas encerrarem, foram reproduzidas diversas imagens dos personagens da produção, que acompanham os créditos, contando como trilha sonora “Meu Bom Jardim”, dos cearenses Pingo de Fortaleza e Descartes Gadelha. A música, que está no álbum “Loas & Canções”, valoriza o território abordado no documentário com o refrão “Meu Bom Jardim, bom pra mim, bom pra ti”, além de trazer outros trechos como “território da paz” e “nascendo e colhendo os frutos do amor”.

13 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do “Made in Bom Jardim” foi uma forma incrível, apesar de desafiadora, de encerrar o curso de Jornalismo, na Universidade Federal do Ceará. A partir dos relatos das entrevistas e das tantas visitas ao território, concluímos na prática o que já pensávamos antes da finalização do produto: a potência cultural presente no território do Grande Bom Jardim. Para além dessa região, estendemos essa percepção para outros espaços periféricos de Fortaleza. Tivemos a oportunidade de conhecer tantos projetos que trabalham com a cultura em diversas comunidades da capital cearense que ficou perceptível o grande impacto que as ações desses projetos causam, que vai desde a transformação da vida de tantas pessoas como a quebra do estigma de um território.

Concluímos também a importância da prática do jornalismo para disseminar iniciativas como o Nós de Teatro, o Instituto Katiana Pena e a Bom Jardim Produções, que se mostram fortes e pulsantes em meio às dificuldades e as desigualdades sociais, que já são tão conhecidas por todos. Identificamos essas mazelas, como a falta de estrutura, investimento e valorização, mas elas não impediram que esses projetos prosperassem. Ficamos felizes com o resultado do documentário, pois conseguimos transmitir aquilo que queríamos, repassando um contexto otimista e de enaltecimento da cultura periférica.

Sempre acreditamos que o formato audiovisual é um dos mais acessíveis e cativantes. Em nosso histórico, essa produção se destaca pelo tempo demandado, a quantidade de gravações, o número de fontes participantes, além de todos os detalhes que foram planejados, como identidade visual e a trilha sonora. O processo de roteirização e edição também foi desafiador, pois tínhamos um grande volume de material. Realizar os cortes e a seleção do que entraria na versão final também foi um árduo trabalho, mas ficamos satisfeitas com o resultado final, visto que cumpriu a missão de mostrar a potência dos projetos e do território.

14 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHINTE, A. A. Prácticas creativas de re-existênci: más allá del arte... el mundo de lo sensible. Buenos Aires: Del Signo, 2017.
- ADORNO, Theodor W. Indústria cultural e sociedade. Indústria Cultural - O Iluminismo como mistificação das massas (1947)
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.
- DANTAS, Ythalo Breeno Monte. A criminalização da cultura periférica por meio do crime de apologia de crime ou criminoso: uma análise sob o prisma da criminologia crítica e do direito penal mínimo. 2021. 69 f. Monografia (Graduação em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.
- DI MONTEIRO, Altemar. Caminhares Periféricos: Nós de Teatro e a potência do caminhar do Teatro de Rua Contemporâneo. Fortaleza: Piseagrama, 2018
- HOOKS, B. Anseios: raça, gênero e políticas culturais. São Paulo: Elefante, 2019.
- KIOMBBA, G., Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MARINO, Aluizio. Cultura, periferia e direito à cidade: coletividade em São Paulo e Bogotá. Revista Políticas Públicas & Cidades-2359-1552, v. 3, 2015.

NASCIMENTO, A. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. Editora Perspectiva SA, 2016.

PENAFRIA, Manuela. "A dimensão emocional do documentário." (2013): 128-133. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/4221> Acesso em: 02 de mai de 2024.

PENAFRIA, Manuela. O ponto de vista no filme documentário. Universidade da Beira Interior, 2001.

RIOS, Sebastião. Cultura popular: práticas e representações. Sociedade e Estado, Brasília, DF,v. 29, n. 3, p. 791-820, set./dez. 2014.

ROLNIK, Raquel. Lei de fomento à periferia de SP inova ao reconhecer a dimensão territorial da cultura. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/lei-de-fomento-%C3%A0-periferia-de-sp-inova-ao-162017292.html>. Acesso em: 09 nov. 2024. , 2016.

SANDLER, D.A cultura como urbanismo, ou a dimensão territorial da cultura. arq.urb, [S. l.], n. 23, p. 95–116, 2019. Disponível em: <https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/41>. Acesso em: 8 nov. 2024.

SILVA, F. R. N.; DE FREITAS, G. J. Toda periferia é um centro. Revista Desenvolvimento Social, v. 26, n. 1, p. 144-168, 2020

SILVA, Maria Eduarda Stefany Soares; OLIVEIRA, Tales André de. Arte de rua: a criminalização da cultura preta e periférica. 2022.

VALLADARES, Licia do Prado. *A invenção da favela*: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

WILLIAMS, R. A cultura é de todos (Culture is Ordinary) 1958. Tradução Maria Elisa Civasco, disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/68474445/A-Cultura-e-Ordinaria1>

ANEXO A - ROTEIRO PARTE 1

Tempo estimado: 11 minutos

Imagen	Texto
--------	-------

Introdução com imagens do território e texto com contextualização	
VINHETA COM NOME DA SÉRIE DOCUMENTAL	VINHETA COM NOME DA SÉRIE DOCUMENTAL
<p>Mostrar a rua onde fica a sede do Nóis de Teatro</p> <p><u>Depois exibir a fachada do Nóis</u></p> <p>GC com nome e projeto do entrevistado</p> <p>parte 1 da Kelly Enne 01:46 a 01:57 (11 segundos)</p> <p>03:00 a 03:10 - 03:23 a 03:32 (19 segundos)</p> <p>03:57 a 04:13 (16 segundos)</p> <p><u>https://drive.google.com/file/d/14taDvpgEYPY5Zhf5PZmCRRwrZBNtaV0x/view?usp=sharing</u> (mudança de ângulo)</p> <p><u>https://drive.google.com/file/d/1fpU_IccEaHcFDJdvK3EXGoiwWMpufanu/view?usp=sharing</u> (mudança de ângulo)</p>	<p>Iniciar com a voz em off da Kelly Enne</p> <p>O NÓIS, ele surgiu como uma experiência cultural, quando alguns adolescentes faziam parte de uma comunidade católica, né?</p> <p>E sempre acontecia de forma muito recorrente de uma forma muito forte, as festas da Padroeira, e esses adolescentes da época se juntavam alguns meses antes, para montar um trabalho, para se apresentar para comunidade durante a festa, né?</p> <p>Após a repetição dessa rotina, depois de dois anos, mais ou menos, no terceiro ano, mais ou menos, o coletivo teve a ideia de se tornar um grupo, vamos se tornar um grupo de teatro, né?</p>
<p>entrevista com a Edna parte 1 (Nóis de Teatro)</p> <p>01:46 a 02:25 (39 segundos)</p> <p><u>https://drive.google.com/file/d/1OEhkm7p0bZTEugn1Zx4blfl4DF9aITV9/view?usp=sharing</u></p> <p>placa lateral do Nóis</p>	<p>Foi aí que a gente, "não, fechou, né?" É um grupo de teatro que a gente vai apresentar não só para comunidade, para igreja católica, mas também para outras coisas, outros eventos, rodar pelos bairros. E aí a gente "não, tem que ter um nome". Aí a gente decidiu que ia ser NÓIS de Teatro.</p> <p>Por questão de nós, de laços e para regionalizar a gente colocou o i. A gente fala muito NÓIS, ficou NÓIS de Teatro.</p>
<p>apresentação festival</p> <p><u>https://drive.google.com/file/d/143NoCj1V5A8w63KwGUwDLTfQead-nGpB/view?usp=sharing</u></p> <p>a partir de 0:45</p>	

<p><u>Exibir a rua e a fachada do IKP</u></p> <p>GC com nome e ocupação do entrevistado</p> <p>Imagens da Katiana jovem</p> <p>parte 1 da entrevista da katiana 00:15 a 00:53 (38 segundos)</p>	<p>Sonora da Katiana falando o que é o Instituto:</p> <p>O Instituto ele tem 11 anos, ele nasceu aqui, dentro do território do grande Bom Jardim, ele atua para 1150 educandos, com a arte, educação e esporte, e ele nasce a partir da minha história, né? Uma menina que teve a sua vida impactada por outros projetos sociais e aí eu entendi essa importância de ter um equipamento desse dentro do território do grande Bom Jardim e eu resolvi fazer esse lugar a minha casa, né? Esse lugar de arte, essa coisa que pulsa tanto tão forte em mim, e assim nasce essa história de transformar vidas através da arte.</p>
<p>Katiana dando aula</p>	<p>música do ensaio</p>
<p>cena das gravações feita no encerramento do curso de cinema Periferia em Foco</p>	<p>Iniciar em off com a voz da Gislândia</p>
<p>parte 1.1 da BJP 00:35 a 01:13 (38 segundos)</p> <p>Colocar imagem do banner o inferno é aqui</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1eKK43as-dwxmpEivEVeHEyF8T7m7Puz8/view?usp=sharing</p> <p>foto do Josenildo com a Gislândia</p>	<p>Bom Jardim Produções é uma produtora de audiovisual, que atua aqui na periferia do grande Bom Jardim. A gente começou em 2008. A gente começou como coletivo de audiovisual. A gente era um grupo de teatro e decidimos fazer o nosso primeiro filme. Foi aí que surgiu a Bom Jardim Produções, com nosso primeiro filme que é "O Inferno é Aqui". Josenildo deu a ideia de escrever um roteiro e eu queria muito atuar. Então, juntou a vontade com meu desejo de fazer cinema, também de atuação, aí surgiu a Bom Jardim Produções.</p>
<p>parte 1.1 BJP 03:53 a 05:11 (1 min e 19 segundos)</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1p1LtTN8oKzhbjUOWKKNgUfvXv8q7SDSd/view?usp=sharing</p> <p>imagem dos bastidores do Inferno é Aqui</p> <p>cena do trailer e erros de gravação do</p>	<p>Legal que assim quando a gente fez, decidimos fazer esse filme. Na época a gente ainda era um grupo de teatro e a gente deu a proposta para o grupo de fazer o filme. Aí o grupo topou e todo mundo se empenhou com que tinha para fazer o filme. Nós não tínhamos, sem equipamentos, não tínhamos câmera, não tínhamos luz, não tínhamos nada, era só a vontade mesmo de fazer um filme e como o grupo inteiro topou, o Josenildo pediu emprestado uma câmera, que era uma câmera parecida com essa aqui ó. Mostra aqui, uma câmera, que não era exatamente essa daqui, mas era</p>

Inferno é Aqui https://drive.google.com/file/d/1eDONS9Ih9zeV5_D7K9TxcGku-bB2gt/view?usp=sharing (imagem da câmera)	quase essa daqui. É o mesmo modelo, né? Ele pediu emprestado a um Caps. Ele pediu emprestado essa câmera, eles forneceram para a gente por alguns dias. Então, nós não tínhamos luz, não tínhamos nada. A gente fez com que a gente arranjou na época.
cena dos bastidores do Inferno é aqui	som da imagem
Gutenberg parte 1 02:48 a 03:10 (22 segundos) Verificar se ele tem imagens dessa época 03:25 a 03:47 (22 segundos) 04:02 a 04:09 (7 segundos) Imagen da sala de dança do ccbj https://drive.google.com/file/d/1QdCVRiN3ooPTEgN-qO8SYTMyHruuBUKs/view?usp=sharing https://drive.google.com/file/d/14opESnxEbVW4Z91OijNeejd4cXN1C_i/view?usp=sharing https://drive.google.com/file/d/1sU-CpSqNI TOg44uy753zJSSXErg86Zox/view?usp=sharing	Eu lembro que na saída da Katiana do projeto social que ela atuava antes, ela juntou a gente, bailarino. Era cerca de 15 a 20 bailarinos e ela fez a seguinte pergunta "Gente, já deu aqui para mim. Vou para um sonho louco. E aí quem estiver disposto a me acompanhar, vamos sonhar com a coisa comigo E aí eu lembro que ela não tinha espaço, não tinha nada para a gente ficar ensaiando e a gente tava no centro cultural, porque a gente tem todo uma estrutura que é um equipamento do governo que dá essa estrutura, tem sala de dança, espelho, som. E aí a Katiana não deixou isso porque ela queria uma dança diferente, queria uma dança onde a comunidade tivesse mais presente, onde não tivesse limitações e aí o nosso trabalho veio crescendo. As pessoas vieram conhecer mais o trabalho do Corpo Mudança quanto companhia.
Gutenberg parte 1 04:09 a 04:35 (26 segundos)	Até que a Katiana teve a ideia de dar a casa dela. E aí foi onde a gente parou para pensar. "Nossa, gente não tinha parado para pensar que a casa dela poderia ser esse lugar de impacto?" E aí a Katiana pegou e destruiu toda a sala de dança dela. E aí a gente ficou em um comodozinho mesmo, na sala, ainda sem nem espelho, sem barra. Era uma casa comum, só um vão mesmo para a gente se movimentar e começar esse

	trabalho que na época era Estúdio de Dança Katiana Pena.
Gutemberg ensaiando	Gutemberg ensaiando
Parte 1.1 BJP 06:16 a 06:51 (35 segundos) imagem da locadora	Gislândia: por ser o nosso primeiro filme, a gente acreditava que ia ser só uma produção assim para a gente testar, mas acabou colocando na locadora. A gente colocou na locadora da tua mãe, primeiramente né? Colocamos na locadora da mãe dele e colocamos em uma locadora do bairro, próximo a pracinha e Foi incrível. Todo mundo começou a assistir esse filme e o pessoal: "É o filme do Bom Jardim. Eu quero alugar o filme do Bom Jardim" Era todas as vezes que a gente ia na locadora tava lá locado.
Parte 1.2 BJP 09:24 a 09:44 (20 segundos) https://drive.google.com/file/d/1syqyOQ3XYi2e3LkOIgRUQYQWt8iZPj/view?usp=sharing imagem do josenildo e da gislândia gravando com a blusa da Bom Jardim Produções https://drive.google.com/file/d/1nmsVFb-FbimVXNkA24bNPMqjTwKPJoQV/view?usp=sharing (imagem do banner)	(Josenildo) Em 2014, a gente resolveu vamos dar um nome, Bom Jardim Produções, a nossa ideia nasce em 2008, mas a gente resolve colocar esse nome em 2014. Vamos se chamar Bom Jardim, porque a gente é do Bom Jardim, a gente quer, o nosso interesse é mostrar que a galera do Bom Jardim também sabe fazer
Kelly Enne falando dos espetáculos (parte 1) 5:47 a 6:08 (21 segundos) Plano principal	É, de fato, foram muitos espetáculos, assim, acho que os momentos menos produtivos artisticamente talvez fossem os últimos anos, que a gente tem produzido menos, mas acho que até o período da pandemia, até os nossos 18 anos, a gente fez espetáculos todo ano,
IMG: Edna parte 2 03:39 a 03:54 (15 segundos) Inserir fotos dos espetáculos (verificar no insta e site do Nóis) https://youtu.be/5Np6EAzLa9Q?si=WmhCh8g6d9rvXEw6 (A Granja na Praça José de	A granja era falando um pouco sobre o bairro, sobre a situação da periferia em si, como que surgiu o bairro Granja Portugal e a gente já teatralizou um pouco essa história.

Alencar https://youtu.be/CnP17bxIzVw?si=5fRMdn093iIJ7r9 (Fotos da peça A Granja no início do vídeo)	
▶ "A Granja" na Praça José de Alencar (A Granja na Praça José de Alencar	https://youtu.be/5Np6EAzLa9Q?si=WmhCh8g6d9rvXEw6 (A Granja na Praça José de Alencar
Kelly Enne falando sobre A Granja 09:17 a 09:55 (38 segundos)	Quando a gente falava da Granja a gente tava falando basicamente de muitas periferias. Foi quando a gente eu identifico, como foi um dos principais pontos de mudança. Até antes a gente tava trabalhando com textos clássicos, textos autorais de forma muito empírica, a partir daí não a gente eh, eu consegui enxergar com a gente tava de uma forma mais consciente nos nossos papéis, enquanto atores e atrizes sociais eh entendendo que o discurso que a gente traz é um discurso que é importante de ser debatido.
parte 2 kelly enne 02:40 a 02: 45 (5 segundos)	Acho que é importante também mencionar "Todo Camburão, Tem um Pouco de Navio Negreiro" que esse ano faz 10 anos, né?
ver imagens de apresentações do camburão para inserir 2:49 4:19 https://youtu.be/OiT-oayjRbM?si=PfY9IdN0WKHVY72A	ver imagens de apresentações do camburão para inserir 2:49 4:19 https://youtu.be/OiT-oayjRbM?si=PfY9IdN0WKHVY72A
Edna explicando o espetáculo do Camburão 08:52 a 09:27 (35 segundos)	Fala sobre o menino de periferia, sobre também o racismo. E a gente fala sobre a religião, tem um pouco da religião, da religião matriz africana dentro também algumas coisas ligado a isso, tem algumas, enfim. Fala sobre rejeição, filho abandonado e é o mais amado de todos nós. É o que o público mais ama, acho que é o "Camburão".
Parte 2 Kelly Enne 02: 46 a 03:25 (39 segundos)	Eh ano passado, foi o único ano onde a gente não apresentou, o ano inteiro, nenhuma vez ele. Isso para a gente,

	demonstra fortemente, como a cultura vem sendo tratada, né? Nos outros anos anteriores, a gente sempre tinha, pelo menos no mês de novembro, um bombeamento de Camburão assim, a gente fazia muitas apresentações do Camburão, a galera disputando agenda por conta do espetáculo, e ano passado não teve nada de nada, sabe? Eh isso pra gente também é um reflexo de como que a cultura ela vem sendo tratada, ultimamente
--	--

ANEXO B- ROTEIRO PARTE 2

Tempo estimado: 10 minutos

Imagen do CCBJ https://drive.google.com/file/d/1n7Hgfl6pQnn8orEP6mTrx_2s4vNIUXk7/view?usp=sharing	começa com off com a fala do Marcos Levi
IMG_0086 08:22-08:43 (21 segundos)	Marcos Levi: Por muitos anos o ccbj ficou muito sozinho nesse campo de centro cultural na periferia, né? Acho que os Cucas surgiram um pouquinho depois, mas aqui no Bom Jardim a gente ainda precisa avançar você tem ali no Centro Cultural do Canindezinho, vinculado a prefeitura que precisa ainda angariar mais força
Parte 2 03:47- 04:01 (14 segundos)	Josenildo: O governo até que tá tentando fazer a parte dele. Tem investimento em audiovisual aqui na periferia, por exemplo, no Bom Jardim? Tem, nós temos o Centro Cultural ali, que tem curso técnico para galera, a galera tem curso faz um curso de um ano e quando sai de lá vai para onde?
pasta pinpoint Adriele 2024.05.25- Entrevista Edna part.2 10:04- 10:37 (33 segundos)	Edna: Os editais não cobram necessidade. Os festivais querem pagar muito pouco também. Então, não vale nem sair da sede com esse material todo, por algumas propostas, por alguns editais. Ta cada vez mais difícil assim. E a galera tá cada vez mais, assim, fazendo os seus monólogos,

	estão fazendo mais uma coisa pequena, minimalista
Parte 3 08:51- 09:04 (13 segundos)	Kelly Enne: A gente já teve diálogos mais interessantes em governos ditos mais de esquerda, a gente conseguia algum diálogo, hoje em dia é um limbo, que a gente não sabe o que é que tá acontecendo.
https://drive.google.com/file/d/10Z_Tq4dQG6aVd4j7hVwKevCHFRb1A9xh/view?usp=sharing	inserir o off do josenildo
Parte 2 04:22- 05:27 (1 minutos e 5 segundos)	Josenildo: Cara, o pessoal tem que se virar nos 30 para fazer tudo aqui, né? É como assim? O governo ainda, ele que quer investir, mas parece que tem medo de dizer assim. "Ah não, eu vou pagar um recurso maior para essa galera", porque eu sei que tem empresa que investe alto em algumas ações que tem a ver com cultura em algumas ações. Às vezes tem empresa que tá investindo aí 900 mil até 1 milhão, 700 mil em eventos que às vezes duram uma semana, três dias, que não deixa de ter, são importantes, eu acho que tudo é importante, mas falta também eles acreditar investirem. Por que os recursos grandes não podem vir para cá também, né. (Gislândia) Os recursos maiores de longa-metragem, por exemplo. É, os grandes recursos das produtoras. Eu sei, eu até que eu entendo, talvez eles tenham dúvidas que a galera daqui tem a capacidade de fazer grandes produções. Poxa, mas poderia acreditar, né?

<p>Parte 2 02:08-02:42 (34 segundos)</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1_6yTG0sAcVaiYKjrw_JFLGqEI_yce54U/view?usp=sharing</p>	<p>Kelyenne: A gente aqui faz o trabalho do poder público, a gente trabalha com fruição, a gente trabalha com formação, a gente trabalha com pesquisa. A gente trabalha com três frentes super importantes dentro da arte e da cultura, coisa que o Governo deveria fazer. Então, se nós estamos fazendo isso aqui, ele tem sim que nos dá recurso para garantir nossas ações. Isso para a gente é muito nítido. A gente não tá aqui fazendo favor, não. A gente tá trabalhando. A gente não tá aqui brincando, fazendo as coisas por amor. É por amor também, mas a gente precisa pagar conta, a gente precisa comer.</p>
<p>Imagen da fachada com a porta aberta</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1ZXn2tfUZBZJwwLD687IUFROrH1Z70pS2/view?usp=sharing</p>	<p>Já começa o off da Katiana falando</p>
<p>pasta pinpoint Adriele 2024:05.20-Entrevista Katiana Pena part. 3 00:04-01:13 (1 minuto e 11 segundos)</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1Cc6EOh6176cerwqr2JwyiswFkRzqpbe5/view?usp=sharing outro angulo</p> <p>Imagens do Instituto, mostrando salas de aula, cozinha, corredor com as fotos</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1Xj_X5yqcXggLbOTJjS06czLy69_tyIIh/view?usp=sharing</p>	<p>Katiana: Então chega uma hora que eu disse, não existe um mercado, não me sinto pertencente desse lugar e é uma burocracia muito grande e eu quero fazer o contrário. Eu quero fazer um movimento que as pessoas têm acesso a isso , que elas passem na rua e vejam ali um teatro aberto, um museu. Algo que eles pudessem se sentir capazes de entrar e não olhasse pra roupa e dissesse "Ah, não tenho roupa suficiente para entrar no equipamento desses" sabe que é isso que a gente consegue ter, esse momento de não vou entrar, com uma catraca gigante ali, que eu tenho certeza que eu não passo ali. Então, eu fiz esse movimento contrário, eu quero as portas abertas, eu quero que eles tenham acesso a uma sala de aula. Eu quero que eles tenham acesso a uma aula maravilhosa de balé</p>

<p><u>aring</u></p> <p>https://drive.google.com/file/d/11XZ1L-BhDXuSy6mq6iWbfd6S17Gvz_Ex/view?usp=sharing</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1qRCIL3C8o-KUNsG769vMmftV8FKM0MYR/view?usp=drive_link</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1IpE6Uj2pFdLFF0XvJRRYYV2rmK1En623W/view?usp=sharing</p>	<p>clássico. De ter assistência social ou até psicólogo ali tem uma programação gratuita, ter bons espetáculos. Então, se a gente não tem isso, a dificuldade de acessar esses equipamentos públicos é super difícil, então eu trouxe para favela, faço a dança, faço um teatro, faço espetáculo, faço aula pública, convoco os pais.</p>
<p>Imagens de pausa com o espetáculo Rasga Mortalha</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1Hfms5IKpMSfDQAeEO06sjKICzzEag1dx/view?usp=sharing</p>	<p>“Teatro não é pra quem tem dinheiro não? Não é querendo ofender, Teatro dá dinheiro, Jenan?”</p>
<p>Parte 3 16:29-16:51 (22 segundos)</p>	<p>Kelyenne: A gente por exemplo, nunca nem se colocou a buscar, por exemplo, as leis Rouanet e Mecenato, porque a gente sabe que as instituições privadas não vão financiar os espetáculos como os nossos, sabe? Que vão ali, vão colocar o dedo na ferida.</p>
<p>Parte 1 09:51- 10:47 (56 segundos)</p> <p>https://drive.google.com/file/d/12sNAQ6PzSH1qcBxbpJWVlfPMK-vDIS_i/view?usp=sharing outro angulo</p>	<p>Gutemberg: eu lembro de um episódio que marcou muito a gente quanto da periferia foi de uma cortina se fecharam na nossa cara, porque a idealizadora do evento pensou que era macumba a nossa dança e aí a gente no meio do espetáculo com cinco minutos, ela sai gritando nas coxias, que são as laterais do teatro, "tira essa macumba da favela do meu palco." E aquilo marcou muito a gente, sabe, porque sempre quando a gente vai mostrar nosso trabalho, a gente fala do nosso bairro, das coisas que existem. Infelizmente, ainda existem muitas pessoas preconceituosas que não aceitam, que são</p>

	<p>intolerantes. E aí aquilo, gente, foi uma decepção para a gente, eu acho que o grupo todo ficou muito triste, teve bailarinas que choraram muito porque foi muito agressivo na forma de como a gente foi tirado do palco, imagina só a gente é artista. Nenhum artista gosta de ser retirado do palco</p>
202.05.20- Entrevista Katiana Pena part. 3 02:36-03:02 (26 segundos)	Katiana: o espetáculo a coisa mais linda e a cortina fechando e eles olhando para mim e a regra é não para. Pode acontecer o que acontecer, mas não pode parar e aí fechou, o evento parou a música e ela veio "olha tira esse espetáculo daqui agora, o meu público é evangélico. Isso aqui é uma referência ao Candomblé". Isso não é uma pesquisa de território, que tem uns movimentos que assemelha E se fosse né?
0:50- 1:16	Trecho de Camburão
https://www.youtube.com/watch?v=OiT-oa_yjRbM&t=73s	
Parte 3 20:54-22:24 (1 minuto e 30 segundos)	Kelyenne: Cara, acho que foram pouquíssimas vezes, foram muito mais vezes com problema do que sem problema foi o "Camburão" de sempre ter a polícia chegando, mas não eram quando a gente fazia apresentações nas periferias, ninguém chamava a polícia nesse momento. Porque também tinha uma delicadeza, que a gente pensava porque quer queira quer não, alguns territórios periféricos, eles estão sendo muito tomados por igrejas evangélicas. Então, a gente dava uma sacada no lugar, sabe? Se o lugar era meio povoado por pessoas evangélicas, a gente segurava um pouco a onda no sentido de botar o peito para fora, que pra gente era mais importante que a comunidade ouvisse o debate do espetáculo, do que se chocar com o peito de fora. Mas em determinados momentos, em

	determinados lugares, como o Benfica, a gente não tava nem ai, nos festivais de teatro, a gente tava nem aí, fazia do jeito que era para ser, e bate o pé para ser do jeito que era para ser. Porque nesses espaços, nesses ambientes, a gente percebia que era muito mais uma hipocrisia do que de fato um choque. E aí nesses espaços mais centrais, mais perto de pessoas que tivessem mais formação, era quando a polícia chegava.
https://drive.google.com/file/d/16OOL7Ta8eElm4doOmKLoHyCywE7hTMPx/view?usp=sharing (video falando sobre a mudança e dizendo que é o último alvoroço)	
Parte 3 12:37- 13:10 (33 segundos)	Edna: estamos com ameaça de se desfazer? Estamos. Estamos com a ameaça de fechar as portas? Estamos, mas a gente está sempre pensando no crescimento aqui, a gente está sempre querendo fazer algo a mais, né? Tanto é que a gente tá saindo da sede, tá indo pra uma sede nova, tá fazendo aí uma vaquinha, para tentar continuar, né? Então, assim, é essa força que tem, que a gente tá junto aqui, tá querendo crescer, tá querendo construir, tá querendo se refazer, ressignificar
Entrevista Edna part 2 11:02 a 11:22 (20 segundos)	É uma campanha que tá rolando. "Paga Secult CE", não é só com o nós não, é vários grupo estão fazendo essa campanha e a gente passou mesmo por uma situação de não tem grana para pagar a galera, não tem grana para pagar o aluguel.
IMG_0086 09:08- 09:25 (17 segundos)	Marcos Levi: A gente precisa de mais equipamentos culturais na periferia, o centro cultural Bom Jardim não vai dar conta de 220.000 habitantes

<p>https://drive.google.com/file/d/1R6f8RQ8xmO7cFES56GPcyBornTL7el0G/view?usp=sharing</p> <p>IMG_0086 12:16-12:53 (37 segundos)</p> <p>https://drive.google.com/file/d/11hZoiWPyaElloGQXSqqfqFLMfjIrkIX/view?usp=sharing</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1Cmroq976RoyirwF4Zu-dzd8mPIKUcOkr/view?usp=sharing</p>	<p>Marcos Levi: Muitas vezes, quem tá na periferia se quer percebe se sujeito de direitos. Então, ter um centro cultural na periferia é dizer você é sujeito de direitos a tal ponto que mesmo uma política cultural tá aqui com as portas abertas para você, para a gente é a necessidade de ampliação da oferta, reside exatamente aí, na necessidade de ampliação no respeito do estado para com esses territórios, sabe?</p>
<p>pasta pinpoint Adriele 2024:05.20-Entrevista Katiana Pena part. 3 01:13- 01:53 (40 segundos)</p> <p>Imagens do ensaio do IKP</p>	<p>Katiana: Eu não tenho mais interesse de dizer para as pessoas o quanto é necessário é isso, assim, porque é nosso né? É nosso, é deles, é de todo mundo esse lugar. Então, as pessoas elas já nascem com esse sentimento de exclusão total, então é muito difícil cenário da cultura, da arte do nosso país, principalmente aqui no Nordeste. E essas dificuldades me fazem criar o meu próprio caminho, o meu próprio mercado de trabalho e minha própria maneira de metodologia de ensinar dança de fazer gestão.</p>
<p>pasta do pinpoint Adriele 2024.05.20- Entrevista Katiana Pena part.3 03:17-03:37 (20 segundos)</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1uXYKAFBq4Z27Pl4O708ZEa29lMg2DVdM/view?usp=sharing</p>	<p>Katiana: Eu não quero que as pessoas enxerguem a favela como esse lugar ruim, esse lugar que só existe pessoas más, eu quero que eles enxerguem a favela não é problema, favela é solução.</p>

ANEXO C-ROTEIRO PARTE 3

Tempo estimado: 16 minutos

	<p>Começar com imagens do Bom Jardim Produções no set de gravação/ eles falando: “ação”</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=jm6XY0YsTL4</p>
Parte 1.2 06:06-06:24 (18 segundos) outro angulo https://drive.google.com/file/d/1L8SERa4xRgJA1nGDR7jYfG6D8T80dT6W/view?usp=sharing	<p>Gislane e Josenildo: Eu vi assim que, chamar as pessoas da comunidade para participar era dá a cara, a nossa produção ia ter a cara da comunidade. (Gislândia) A cara do Bom Jardim. (Josenildo) Respira periferia, respira Bom Jardim, a gente queria que as pessoas vissem o território mesmo, sabe?</p>
Parte 1 02:12- 03:10 (....) https://drive.google.com/file/d/16N1a_50vhI4fQFrB3qGqrUd1G3WDK8aa/view?usp=sharing outro angulo https://drive.google.com/file/d/1KIUJkduhd7UzPK6ZQ8R4OR2l459ewHq/view?usp=sharing (cartaz do filme)	<p>Marlene: E aí os filmes dele eu botei para locar aqui na minha locadora. "Josenildo, traz os filmes para colocar aqui que quem sabe dá certo, né?"</p> <p>"Gente, tenho dois filmes aqui, que é da Bom Jardim Produções né? Bom Jardim Produções é uma produtora nova que foi criada agora e esses dois filmes foram feitos aqui no Bom Jardim. Vocês não querem locar não, para vocês verem? "Vou levar para mim ver". Ai locava. Menino, mais bombou.</p> <p>"Mãe, eu vou gravar outro. Ai nesse que eu vou gravar, a senhora vai participar." "Tá bom, tá certo". E aí eu tenho uma história, esse filme que ele fez foi uma história da minha vida, que é o "Botija".</p>
Imagens do Botija ou do banner do filme https://www.youtube.com/watch?v=s_jJ1O	

<u>WAhow&t=29s</u> (33:41-34:10)	
entrevista completa 00:39-01:07 (28 segundos)	Ivina: Eu comecei na dança com cinco anos de idade, sem nenhuma perspectiva de vida, foi só para conhecer mesmo, acompanhar uma amiga minha, e tava tendo aula da tia Katiana, né? E ela me convidou para fazer uma aula experimental, saber como era e foi aí que nasceu esse amor pela dança, muito nova, mas já queria fazer isso, já queria isso pra minha vida, né?
Parte 1 04:45- 05:15 (30 segundos)	Gutemberg: Ela foi convidando a gente para assumir outras funções, mesmo sem entender. A gente era muito novo, a gente estava na fase da adolescência para juventude. Eu tinha os meus 15 anos, 14 anos na época, isso em 2015. E aí ela "GutemBerg, como você é mais comunicativo, você pode ser bailarino e ser da recepção." E aí eu comecei, meu primeiro cargo aqui no instituto foi como recepcionista. E aí eu fui atendendo os pais, conversando com eles, fui recebendo os atendidos pelo Instituto Katiana Pena. E a gente começou esse trabalho e a nossa função, ela foi despertando de acordo com as nossas vivências. Eu nem sabia que eu sabia falar, que eu era comunicativo.
entrevista completa 01:42- 02:04 (22 segundos)	Ivina: As minhas alunas são meninas a partir de 15 anos, 15 a 30 anos, nas turmas da noite, e aqui no Instituto a gente dança, a gente trabalha o contemporâneo no palco, mas é claro, né? Que os bailarinos precisam ter a técnica, então diariamente a gente trabalha ballet clássico nas aulas, mas no palco mesmo, no espetáculo, a gente trabalha contemporâneo.
<u>https://drive.google.com/file/d/1tcF8nZNaL</u>	

<u>LzjRVn6ETi61_N6f25sSrxS/view?usp=sharing</u>	
<u>https://drive.google.com/file/d/1KxReoLUtWo1fCDGkHMHMbwVyyHQdrDaa/view?usp=sharing</u>	
<u>https://drive.google.com/file/d/1IA8rkTlNcIrar02SxmjkNkUmyttbjcjJ/view?usp=sharing</u>	Imagen com off da fala seguinte
Parte 3 01:28-02:17 (49 segundos)	Sara: No filme vale ressaltar que a gente estava com quase nada, viu? Tínhamos poucos equipamentos e não tínhamos muitos recursos. Não era como se fôssemos para um grande cinema; era mais uma filmagem independente. Não tínhamos certeza se o filme chegaria aos cinemas. Josenildo e Gislandia sempre disseram para a gente: "Vocês vão fazer o filme, mas não vão com a certeza de que vão para o cinema. Vocês vão fazer o filme abertamente, voluntariamente, tranquilo, e sem a expectativa de que vai para o cinema." A gente sempre brincou nas gravações, mas a gente sempre levava a sério, mas também brincávamos e conversávamos. Quando eu olhei e vi o filme no cinema, pensei: "Poxa, conseguimos chegar onde a gente queria chegar!"
Colocar imagens dos bastidores do Maluvidos (Imagens que a Gislândia enviou) <u>https://drive.google.com/file/d/1OhywWP49WPg8sKbJ17_ulybDFFKL0jQu/view?usp=sharing</u> <u>https://drive.google.com/file/d/1wyOMGEyP7hy7TbK5N1BsVUvnAoeYeDsw/view?usp=sharing</u> <u>https://drive.google.com/file/d/1fanLEMwf1pcIlk0aUsvEV4cLWqfZujLz/view?usp=sharing</u>	
imagens trailer Os Maúvidos <u>https://www.youtube.com/watch?v=1d1srYEdlL0</u>	
Inserir imagens do Festival Corpo Potência <u>https://drive.google.com/file/d/1BWxDDL2FO_xFpR1i1xlKv_7AkTsFYJiV/view?usp=sharing</u> <u>https://drive.google.com/file/d/1ylnKD_stCeNgBJHSW4mq1DW_FODhhE49/view?usp=sharing</u>	imagens com off da sonora seguinte

<p><u>p=sharing</u></p> <p>https://drive.google.com/file/d/1ZNbEfqxJiiRydEOv93Ey0ycdRgfZhiqA/view?usp=sharing</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1OSRfjw4p8NJiFFaQR0v2tqWlzZs23Lpd/view?usp=sharing</p> <p>trechos curtos</p>	
---	--

02:18- 02:52 (34 segundos)	Ivina: A gente sempre tem um festival Corpo Potência, anualmente, e a gente sempre traz temas relacionados ao nosso bairro, então no festival passado, a gente trouxe as vivências do Bom Jardim, então teve rezadeiras, teve benzedeiras, as crianças vêm trazendo essa naturalidade, da rotina dentro do bairro, então a gente sempre tenta trazer referências do Bom Jardim, então é sempre pensando no bairro, sempre pensando nas vivências delas aqui dentro do bairro.
Parte 1.2 15:13- 16:12 59 segundos	"Nossa, vocês priorizaram a gente" Sim, porque a ideia é essa. Se tiver profissional aqui a gente quer levar eles e aí para isso e para cumprir com essa nossa missão a gente criou a Escola de Audiovisual Itinerante, a nossa escola. Porque a gente está com esse projeto, que a gente já realizou no ano passado, tivemos recursos para nossa própria escola. A gente realizou um curso muito massa. E dois cursos, aliás. A ideia é que a gente vá mapeando as pessoas capazes de participar mais na frente de produções nossas. Se a gente conseguir aprovar editais maiores, se a gente conseguir ter acesso a recursos maiores. A ideia é priorizar essa galera.
Parte 3 09:08-09:25 (17 segundos)	Edna: a gente fez esse projeto da escola, esse edital da Secult-CE, e aí a gente passou

<p>09:35-10:03 (28 segundos) (imagem de apoio) https://drive.google.com/file/d/1iVfJXw93NwPZRev94Mw3_hX1nNFQKrwF/view?usp=sharing</p> <p>outro angulo https://drive.google.com/file/d/1Pk1brPPSs3y-nM0HPxI5vr7H5lj2OUyL/view?usp=sharing</p>	<p>graças a Deus, e aí estamos dando aula, está trabalhando com esses jovens.</p> <p>A gente tem alunos de vários lugares aqui da cidade, tem aluno de Maracanaú, né? Fora da cidade também, e tem alunos de vários bairros também, maioria da periferia também</p>
<p>Transição com a Manu cantando ou atuando https://drive.google.com/file/d/1U7OcYhP5zKsfnr9f7VmbzNegAKHxA1oo/view?usp=sharing</p>	<p>Começa com a Manu cantando e depois começa a sonora dela</p>
<p>2024.05.04- Emanuela Moraes part.2</p> <p>Imagens da Manu na bike https://drive.google.com/file/d/1MxzQPDDitkek0xG439l7WesQeKaQFV7l/view?usp=sharing</p> <p>https://drive.google.com/file/d/16aDbHOe3ReddjTppCle3qkPXnXGSA_5E/view?usp=sharing</p>	<p>Manu: Eu lembro que eu ia do Pici, que eu sou vizinha do Cuca do Pici, até o centro da cidade de bicicleta e muitas vezes, eu cheguei a ir a pé de lá, né? Isso me causou uma grande força em cena por estar nesses espaços artísticos e logo em seguida, eu fui me reconhecendo enquanto uma mulher e fiz a minha transição de gênero e depois de eu ter transicionado, ter te da experiência, eu me considero um artista do corpo e da voz, porque eu canto, eu danço, atuo, eu pude ter a minha experiência aqui depois de ter tido uns quatro anos no teatro, né? Aí eu acho que a minha transição foi só, tem um ano e meio eu acho, que foi depois de um ano que eu vim para cá.</p>
<p>2024.05.04- Emanuela Moraes part.2</p> <p>00:32-01:26 (54 segundos)</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1eE48Ir5-DPLZq33Wu9czSGrQyXQk7Ch/view?usp=sharing</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1SOujBx30dIAOIz3KSQslx8OgpQLS2hz-/view?usp=sharing</p>	<p>Manu: Só eu sei o quanto eu fui excluída e quando eu tive dificuldade em muitos espaços artísticos enquanto uma mulher trans porque é difícil as pessoas não querem trabalhar com a gente em cena em questão de personagem de que personagem a gente traz e aqui foi totalmente diferente, eu fui acolhida, eu pude ter essa auto descoberta</p>

<p><u>aring</u> (a partir de 00:14</p>	<p>comigo mesma. Isso é fantástico, eu sempre falo para todo mundo, né?</p>
<p>Parte final 05:34- 06:39 (60 segundos + 5 segundos)</p> <p>outro angulo https://drive.google.com/file/d/1E91INfR78J3DGsDKsKjOXq3zO6fPYIWA/view?usp=sharing (final do video)</p> <p>Videos do grupo rasga mortalha</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1zu0q4e04HfZuL6AQfJ9N2HghpgW6pMqz/view?usp=sharing</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1fGTG2fuTZfQecaA8vDnYpbPWHwOhI5HK/view?usp=sharing</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1G5pgSBf5GFTCR5POx4pY9zY91zVW8_rP/view?usp=sharing outro angulo (começo video)</p>	<p>Kelyenne: a gente começou essa turma no dia 20 de novembro do ano passado, pra gente também é uma data muito significativa que é o dia da consciência negra e quando nesse primeiro momento que foi em novembro e dezembro o primeiro módulo, que eles tiveram falando de teatro de rua, que foi junto com a Amanda, nesse módulo, eles tinham um resultado de trabalho, resultado de módulo, e esse resultado de módulo que foi esse trabalho cênico, que se chama Rasga Mortalha, a partir desse trabalho surgiu o Grupo Rasga Mortalha, que eles já são um grupo. Ele já tem esse espetáculo. Eles já circulam com esse espetáculo, são premiados. Inclusive já com esse espetáculos, que é uma das coisas, que Inclusive, a gente quando a gente tava ali naquela disputa com a Secult pelo recurso, foi uma das coisas que a gente dizia, era que o grupo já é premiado, já está circulando pela cidade, já tá ocupando os teatros, os festivais, sabe? Porque não financiar e fortalecer esse rolê, sabe?</p>
	<p>Manu: Eu lembro que a gente lotou, a gente apresentou acho que foi quatro vezes. E foi incrível a sensação do trabalho que a gente de pesquisa, o nosso corpo em cena, pra mim foi fantástico</p>
<p>Parte 3 08:22- 09:22 (60 segundos)</p>	<p>Gislândia: A comunidade ela se dedica bastante, entra mesmo junto para valer nas nossas produções, por exemplo, o filme Os maluvidos, A gente começou convidando as</p>

<p>https://drive.google.com/file/d/1R6PidwHgODIoGiJ-fWwlBVCX2-hpUWms/view?usp=sharing outro angulo</p> <p>Imagens dos bastidores dos maluvidos https://drive.google.com/file/d/1DofnNifAKTXdrll22qDIJMSdJutzfPR-/view?usp=sharing</p>	<p>crianças do bairro para se engajarem, e as mães, os pais, todo mundo se envolveu, acabou todo mundo se envolvendo no filme e ajudando de todas as formas que eles podiam, que também são pessoas de periferia, não podiam investir por exemplo: "Ah, vou investir recurso no seu filme", "Vou te dar um dinheiro para tu produzir". Não, eles entraram assim mesmo, é da forma que eles podiam.</p>
<p>Imagens de uma aula da Ivina</p>	<p>Imagen com som</p>
<p>entrevista completa 08:29-08:51 (22 segundos)</p> <p>Imagens do Festival Corpo Potência https://drive.google.com/file/d/1TWF0KfwImQlxldgnQxqHy7Ctv5QwdmjT/view?usp=sharing</p>	<p>Ivina: Hoje eu consigo ver várias Ivinas dentro de sala de aula, e eu fico super feliz porque eu consegui e ainda estou conseguindo realizar um dos meus grandes sonhos, e está dentro do Instituto é isso: é potência, é ver crianças super talentosas e conseguir enxergar, realmente, a transformação que o Instituto está fazendo.</p>
<p>Parte 1 05:15- 05:40 (25 segundos)</p> <p>Gutemberg dançando</p>	<p>Gutemberg: E aí a Katiana mesmo enxergou essa potencialidade dentro da gente e fez com que a gente acreditasse. Até eu parar na direção de comunicação atualmente. E aí foi um processo aí longo, onde eu pude me descobrir também quanto o profissional, para além de bailarino, porque uma das coisas que ela prega muito pra gente é que a gente pode ser o que a gente quiser. A gente pode imaginar, eu posso ser um doutor, posso ser um advogado e eu escolhi ser jornalista.</p>
<p>https://drive.google.com/file/d/1i3XyRS-1UrinzCpVd7oOmCO5gj_zkpV/view?usp=sharing</p>	<p>Trecho do espetáculo Vila Utopia “Nós ficamos com o sonho, porque no sonho temos tudo que precisamos”- começa com som e depois inicia o off da proxima fala</p>

Parte 2 04:29-04:48 (19 segundos) https://drive.google.com/file/d/1tXeBfqmJJ1ZgjCyW5UIPykfDMM26dsu0/view?usp=sharing outro angulo	Gutemberg: A gente aqui, que é da favela, não tem aquela perspectiva do sonho, né? A gente tem a perspectiva de "Ah vou crescer, trabalhar e ficar só nisso", né? E eu acho que a partir dessa oportunidade, que o Instituto ele dá, a gente começa a sonhar, a gente começa a acreditar em si, e reconhecer outros horizontes, né?
parte 1.2 07:59-08:08 (9 segundos) https://drive.google.com/file/d/1L8SERa4xRgJA1nGDR7jYfG6D8T80dT6W/view?usp=sharing outro angulo	(Josenildo) Interessante, que a minha mãe dizia que o sonho dela um dia era ser atriz. Minha mãe tem a terceira série, ela disse "Meu sonho morreu" e eu desde criança dizia "Mãe, um dia eu vou fazer um filme com uma história da senhora"
Bastidores gravação BJP	Bastidores gravação BJP
Parte 1 00:53-01:05 (12 segundos) https://drive.google.com/file/d/1EsP3JJsBX80plvufqNDqg6eaItIGOzEI/view?usp=sharing outro angulo https://drive.google.com/file/d/1iXwu0wxUZ28H9B_7y-D3qlCsmf_StERX/view?usp=sharing	Marlene: E ser atriz, era um sonho que eu tinha desde criança. Nossa, quando eu vi aquelas pessoas na televisão disse, "Oh meu deus, eu quero ser atriz. Eu quero um dia poder me ver na televisão"
Parte 1 07:34-08:01 (27 segundos) https://drive.google.com/file/d/1uk4zZ_QV5JpjTwVU1_hKcMGqi_PAYwn0/view?usp=sharing (outro angulo) https://drive.google.com/file/d/18lxpa1uT8mr1f_C6Bhe6reA6uQaVRP7B/view?usp=sharing	Gutemberg: E aí foi uma experiência assim inesquecível demostrar o trabalho e ver que as pessoas gostaram e ter essa sensação de estar em palco pela primeira vez, de ver aquelas luzes, agente sente assim realmente pertencente, acho que ao nosso território, ao mundo, as pessoas, a sociedade. Porque muitas vezes esquecido,agente que da favela, da periferia e a gente tá naquele lugar de protagonismo, onde as pessoas estão olhando para você é muito importante também.

https://drive.google.com/file/d/1fi6Bka4HHZP-GVTNqzoCoHu-mqEqYVni/view?usp=sharing	Mostrar final da apresentação e os aplausos no final
Parte Final 16:51-17:30 (39 segundos) https://drive.google.com/file/d/1OUnPIeGfmbB36_60snWc2YJ1y4fEsA7VY/view?usp=sharing outro angulo	Kellyenne: Esse lugar novo, esse espaço novo, que a gente tá querendo ir e a gente tá assumindo esse risco. Porque é um risco, mas as possibilidades que a gente tem de estar nesse novo espaço, de inclusive agregar outros fazedores de arte e cultura, que já estão querendo colar com a gente para ocupar esse espaço junto com a gente, é motivador demais, sabe? Motivador demais.
2024.05.20- Entrevista Katiana Pena part.2 00:17-01:03 (46 segundos)	Katiana: Eu acredito que o Bom Jardim é um lugar muito inspirador, os moradores, as nossas vivências e, por exemplo, eu criei agora "A Rua é Nós", que foi um espetáculo premiado, foi um espetáculo muito alcançado no Brasil e principalmente, aqui no nosso território e a grande diferença é quando eu terminei de criar o espetáculo, meu primeiro público, o meu primeiro teste é a própria comunidade. Então, assim nós temos a expertise muito grande de dançar no meio da rua. A gente cria um palco e oferece esse trabalho deles, porque eles que me inspiram, esse cotidiano, esse celeiro tão potente que é o Bom Jardim, que me traz coisas para falar.
Imagens da estreia do Rasga Mortalha https://drive.google.com/file/d/1Ix2825MaeQkNM5g6atRUCQgZ6W4dWeXb/view?usp=sharing	Kelly Enne: Então, quando a gente faz as estreias dos nossos espetáculos aqui é para dizer para a cidade que quer ver Nós de Teatro? Então, você vai ter que ir lá no Bom Jardim, quer participar da escola de teatro periféricos? pois você vai ter que ir lá no Bom Jardim. Você não se desloca pela cidade para ter acesso à arte e cultura? Pois se desloca pra cá, pode ser até mais perto.

	Gutemberg: A favela não só tem isso, de coisas ruins, tem coisas boas, tem muita cultura, tem muita arte, tem muitas pessoas que fazem seus corações aí do bem, e para o bem, e a gente vai conseguindo tirar das páginas policiais somente isso, né? Claro que existe também, que eu não vou romantizar, mas o trabalho que precisa ser mostrado, o outro lado, que são essas pessoas talentosas, potentes
https://drive.google.com/file/d/1bCUxtWj-eLqJwcnwQxffuF0O8dIWq9M/view?usp=sharing (fachada do nós no dia do alvoroço)	
Imagen do Alvoroço https://drive.google.com/file/d/1cu65EkHyMcJpVVrhqoCkzS8OP03Co6zM/view?usp=sharing 2:25-2:35	
Parte final 12:23-14:01 (1 minutos e 38 segundos) https://drive.google.com/file/d/1lqN9SiCk1fH6pOU5YgFSiazanKvnK6X/view?usp=sharing outro angulo	Kelyenne: É um espaço de militância, muito nítido para gente, sabe? A gente entende que esse debate sobre as periferias, ela vem percorrendo sobre o direito à cidade. Esse direito à cidade é um direito de percorrer pela cidade, da forma que a gente bem quiser, a gente entende que tem as questões das facções, as questões da disputa de território pela criminalidade
Parte 1 11:36-12:11 (35 segundos)	Gutemberg: Eu acho interessante isso porque às vezes a gente vai dançar nos locais sem ser apresentado nas programações que a gente entra. geralmente quando são festivais grandes, a gente já entra e dança e pós a gente dançar que as pessoas vem falar são do Corpo Mudança do Bom Jardim. E aí as pessoas, acho que 90%

Fotos da apresentação do Corpo Mudança	jamais imaginam que a gente é da favela pelo nível técnico que a gente mostra em palco ele já pensam," Ah, vocês são de onde? são do Bolshoi? são de uma companhia da Aldeota aqui de Fortaleza? De onde vocês são?" Quando a gente fala que é do Bom Jardim eles "Não acredito que vocês são do Bom Jardim." A gente "É, nós somos do Bom Jardim, lá na favela"
--	--

ANEXO D- ROTEIRO PARTE 4

Tempo estimado: 14 minutos

IMAGENS	LEGENDAS
Exibir imagens do festival Corpo Potência <u>IMG_9667.MOV</u>	
entrevista da Ivina 09:06 a 09:43 (37 segundos)	Está dentro do bairro, eu acredito que seja, o nosso trabalho fica mais verdadeiro, porque a gente sempre vai estar se referindo a ele, né? Sempre vai estar dentro do bairro. Então ver que o Instituto tá abrindo portas dentro do bairro, onde eu nasci, onde a Katiana nasceu, e ver que a gente tá conseguindo de alguma maneira transformar ele, porque o Bom Jardim leva um nome de um bairro super perigoso, enfim e a gente tá trazendo o Bom Jardim para o outro lado, para o lado da arte, da potência, da cultura
imagem da Ivina dando aula https://drive.google.com/file/d/1MB4YpsVLOyCA65y5P5kB4JX3nle72Ras/view?usp=sharing	
Parte 4 BJP 05:28 a 06:09 (41 segundos)	[Josenildo]: a minha ideia foi assim, eu vou arriscar ainda, vou arriscar tudo, eu ainda vou fazer questão de botar no nosso primeiro filme. O banner eu botei assim oh: "made in Bom Jardim". Porque assim eu não vou esconder que é aqui não. Eu faço questão que todo mundo saiba, ainda eu botei em inglês, made in Bom Jardim né? Porque eu queria postar, que se tivesse que aceitar, aceitasse de uma vez, né? O efeito foi bem diferente do que eu imaginava, o tal do "made in Bom Jardim" chamou atenção, pessoal queria saber o que é isso aqui, né?
Colocar imagem do banner do filme “O Inferno é Aqui”: <u>WhatsApp Image 2024-10-12 at 13.54.35.jpeg</u>	
Parte 4 BJP 08:41 a 08:54 (13 segundos)	[Josenildo]: Quando eu resolvi criar a Bom Jardim Produções com esse nome, eu queria que as pessoas lembrassem daqui,

	saímos do Bom Jardim mesmo que algum dia a gente ganhe o mundo, comece a fazer produções diferentes, mas eu quero que essa marca vá, vá junto, né?
Gutenberg parte 1 12:42 a 13:09 (27 segundos) <u>Imagen do ensaio do gutenberg</u>	as pessoas ficam com isso, "Ah eles são muito bom. Então eles não são da favela." Por que não? Por que que a gente não era da favela? E a gente sempre foi provando isso e a gente sempre vem afirmando e firmando de onde a gente vem, que é do Bom Jardim, inclusive é uma hashtag da gente, que é #DoBomJardimParaO Mundo, que é nosso território, de sempre tá levando ele para palco. De sempre tá falando desse bairro e de representar essas pessoas que são guerreiras, são fortes, que aqui habitam, que atravessam a cidade para ganhar a vida.
colocar algumas imagens, com música, para fazer uma pausa entre um bloco e outro, poderia ser imagens do território para fazer referência a fala dos entrevistados	
Gislândia parte 6 BJP 01:46 a 02:34 (48 segundos) Inserir as imagens dos bastidores do filme "Os Maluvidos", das entrevistas, das premiações 03:02 a 04:47 (1min e 45 segundos)	[Gislândia]: Um momento muito especial foi a produção do filme "Os maluvidos" e a exibição dele no Cine Ceará, né? E com duas exibições dentro do festival, que foi uma exibição na mostra competitiva no cinema do Dragão, e a outra exibição foi uma exibição assim que para nós foi um momento muito marcante, uma das mais especiais de todas. Foi a no Cine São Luís, dentro do trigésimo terceiro cine Ceará, uma exibição especial para o filme, especial para o público dele, que era uma exibição para o público infantil, público das escolas e todo mundo, depois que participou dessa exibição Chegou para gente e disse "nossa foi tão especial, foi diferente dessa vez", e foi algo muito especial e muito marcante, né? O nosso último filme porque porque teve um reconhecimento grandioso em cima dele, filme feito aqui na periferia sem nenhum recurso, com a galerinha daqui, ele participou do trigésimo terceiro cine Ceará, que abriu as portas para ele. A partir daí, teve muitas exibições, já a partir daí, ele foi

	para São Paulo, foi para o Maranhão, foi para o Cariri, e assim é mais marcante para gente, acredito que foi isso, foi essa exibição no Cine Ceará e o filme está conseguindo o lugar dele, o espaço dele.
Katiana parte 5 00:23 a 01:21 (58 segundos)	Eu acho que o Instituto hoje, está podendo contratar pessoas do nosso próprio território, pessoas que trabalham, ganham seu ponto de cada dia aqui, é uma conquista nossa, hoje, ter essa manutenção. Eu acho que grandes conquistas é a gente estar no Criança Esperança, por exemplo, como um projeto de dentro da favela ou está se relacionando com esses tipos de editais, o próprio corpo mudança que é o resultado, né? São os cases de sucesso do Instituto que hoje são pessoas que sobrevivem da arte, sobrevivem desse lugar, e hoje, estão pagando suas faculdades, ajudam suas famílias com a sua renda ali, e poder mostrar para eles, olha, que acreditar no terceiro setor, acreditar numa bailarina que sonhava só simplesmente em oferecer aula de balé para todo mundo, hoje, proporciona aí a garantia do pão de cada dia para várias pessoas que trabalham aqui dentro da instituição
Gutenberg parte 2 05:49 a 06:08 (19 segundos)	Uma das coisas mais marcantes também que eu vivenciei nesses anos de atuação no instituto, foi que a gente também foi dançar no Caldeirão do Huck. Eu acho que uma das nossas maiores apresentações, que marcou a história da companhia, foi o Luciano Huck levar a gente para Globo, para gente dançar no Caldeirão,
Cena do Instituto se apresentando no documentário	
Gutenberg parte 2 05:59 a 06:34 (35 segundos) inserir as imagens da apresentação no Caldeirão	E ali a gente foi reconhecido nacionalmente, onde a gente pode levar nossa dança, nossa arte para todo o Brasil. E aí eu lembro que as pessoas vieram reconhecer, vieram atrás, de saber mais da gente, até pessoas mesmo que nem conheciam a gente, na própria Fortaleza, né? E eu acho que isso teve um grande significado na nossa história e na nossa trajetória, que foi dançar também no palco da Globo, né? E sermos reconhecidos como bailarinas da favela, esse trabalho

	que a gente vivendo no território.
Kelly enne parte 3 12:24 a 12:49 (25 segundos)	Prêmio Fanart de Arte Negra que foi em 2013, a gente recebeu o Prêmio Artes de Rua, Prêmio Myriam Muniz, alguns prêmios, assim, de forma recorrente, que até o pessoal ficava "Meu Deus, isso nunca aconteceu, dois anos seguidos recebendo Myriam Muniz, três anos seguidos recebendo Myriam Muniz", sabe? E no outro ano ganhando lá outro prêmio e premiação
kelly enne parte 5 20:45 a 21:19 (34 segundos)	Muitas apresentações assim foram emocionantes também pelos significados, eu acho que quando a gente apresentou na Caixa Cultural São Paulo foi muito importante para a gente porque os ingressos acabavam em 5 minutos, 9 horas da manhã, sabe? Quando a apresentação era à noite tinha fila de pessoas esperando para entrar, para assistir a gente isso foi muito muito chocante de ver o tamanho do camburão, sabe?
21:49 a 22:08 (17 segundos)	O nascimento dos nossos filhos. (choro) Nunca vivi nada por tanto tempo quanto Nóis de Teatro
Inserir imagens da inauguração do Nóis, colocar uma legenda dizendo “em 7 de setembro de 2024, o Nóis de Teatro inaugurou sua nova sede”	
IMG_1304 (Edna) 00:08 a 00:48 (40 segundos)	É uma grande felicidade, né? Tá abrindo as portas para receber amigos e os amigos dos amigos e a gente poder inaugurar essa nova sede que também tava sendo um sonho para gente, né? E como a gente sempre se muda a nova casa a gente cria novas expectativas e eu espero que essa nova casa só traga também lembranças boas e que a gente construa novas novos espetáculos, novos grupos de estudo, de pesquisa, de alunos da Escola, nessa nova sede que a gente só tem os sonhos abertos através dessa desse espaço novo.
01:20 a 01:32 (12 segundos)	Então, essa nova sede é uma esperança mesmo da gente conseguir continuar né? Fazendo mais trabalho de teatro, mais

	trabalho de pesquisa, né?
Finaliza com as imagens das apresentações realizadas durante a inauguração	
Parte 4 BJP 10:50 a 11:19 (29 segundos)	[Josenildo] e o Bom Jardim ele é um celeiro de artistas, todo mundo diz isso né? Bom Jardim ele que tem gente que é bom, tem músicos, né? Tem pessoas que fazem dança aqui, a Katiana Pena ali é ela é referência em dança, aqui na região, né? E a galera do teatro, como Nois do Teatro ali, são uma referência aqui, eu acho que em Fortaleza hoje, essa galera é referência no teatro. Então tem muita gente boa mesmo.
Gutenberg parte 2 08:23 a 08:36 (13 segundos)	E esse é um lugar muito potente, eu morro de orgulho de falar sobre o Bom Jardim, eu não tenho vergonha de falar, porque é um bairro muito potente, é um bairro onde existe muitas coisas boas, e é um bairro que eu tô disposto a, no decorrer da minha trajetória, sempre levar comigo.
02:51 a 03:05 (14 segundos)	O que é desse Bom Jardim para o mundo? Olha os espaços que nós estamos alcançando. Nós dançamos no num dos maiores eventos, que foi a virada cultural, nós dançamos num dos maiores palcos do Brasil, que foi o programa do Luciano Huck. Estão levando gente da onde? do território do Bom Jardim, periférico, né?
03:14 a 03:52 (38 segundos)	não tem como não abraçar essa rua, esse território, não tem, eu não quero abandonar o Bom Jardim porque é minha raiz está aqui, hoje jamais eu não vou deixar de acreditar numa coisa que minha mãe criou, que eu tô criando, que eu tô seguindo esse legado, e que hoje eu percebo, o pessoal comenta lá "do Bom Jardim para o mundo", "Katiana" e me marca e é isso que eu quero para propagar essa força, essa fé, essa resiliência que a comunidade tem a ensinar muito.

